

GUDI

ANUÁRIO

AXIS

2026

a cultura vira o jogo

ORGS.: THAINAN ROCHA THAINI MENEGAZZO DAIANE TAVARES

Secretaria do Estado de Cultura do Rio Grande do Sul apresenta:

ANUÁRIO

AXIS

2026

a cultura vira o jogo

APOIO INSTITUCIONAL



PUCRS | ESCOLA DE COMUNICAÇÃO,
ARTES E DESIGN FAMECOS



.RSCRIATIVO

SOUTH
SUMMIT BRAZIL
PORTO ALEGRE

APOIO DE
COMUNICAÇÃO

pro
target

dona
flor COMUNICAÇÃO

PRODUÇÃO

GUDI



FINANCIAMENTO



SECRETARIA DA
CULTURA



GOVERNO DO ESTADO
RIO
GRANDE
DO SUL

REALIZAÇÃO

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO DO
BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Anuário AXIS summit de inovação sustentável das artes [livro eletrônico] : a cultura vira o jogo / organização Thainan Rocha, Thaini Menegazzo, Daiane Tavares. – Porto Alegre, RS : GUDI, 2026. -- (AXIS ; 1)
PDF

Vários autores.

Vários colaboradores.

ISBN 978-65-976244-0-9

1. Artes 2. Cultura - Aspectos econômicos 3. Cultura - Aspectos sociais 4. Desenvolvimento regional 5. Diversidade cultural 6. Economia 7. Educação e cultura 8. Indicadores econômicos 9. Inovação 10. Projeto cultural 11. Sustentabilidade I. Rocha, Thainan. II. Menegazzo, Thaini. III. Tavares, Daiane. IV. Série.

26-369359.1

CDD-306.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Economia criativa : Cultura : Aspectos sociais
306.4

Livia Dias Vaz - Bibliotecária - CRB-8/9638

É permitida a reprodução total ou parcial, desde que citada a fonte.

Venda proibida.

SUMÁRIO

APRESENTANDO: O PRIMEIRO AXIS

Abertura	6
<i>Thainan Rocha, Thaini Menegazzo e Daiane Tavares</i>	
Apoiadores	10
<i>Jorge Audy, Rosângela Florczak, Raul Krebs e Juliana Sehn</i>	
O início do AXIS	13
<i>Thaini Menegazzo</i>	
Nota da curadoria	16
<i>Leonardo Vitorino e Thainan Rocha</i>	
Programação e números	19

MEMÓRIA

Aliança pela Inovação na Cultura	24
<i>Ir. Manuir José Mentges, Pe. Sérgio Mariucci, Luis Henrique Telles da Rosa e Marcia Barbosa</i>	
Criatividade e ação diante da crise climática	28
<i>Aline Bueno e Antônia Wallig</i>	
Crise climática, Ilha da Pintada e demais ilhas: Memória Viva!	32
<i>Teresinha Carvalho da Silva</i>	
Clima criativo: responsabilidade ambiental nas artes	34
<i>Elisa Beschorner Heidrich</i>	
O ativismo climático é uma batalha da imaginação	36
<i>Lígia Petrucci</i>	
Novos caminhos: quando a criatividade encontra o recurso para virar o jogo	41
<i>Denise Pagnussatt</i>	
A participação da APOIA.se no AXIS Summit	43
<i>APOIA.se</i>	
Vender-se ou vende-se?	47
<i>Tiago Souza</i>	

Workroom: a arte de empreender.....	50
<i>Rodrigo Krás Borges</i>	
Turismo de experiência no vinho	52
<i>Aurora Carneiro Zen</i>	
Inclusão digital e (tecno)cultura na era dos dados.....	58
<i>Marcio Pizarro Noronha</i>	
Cultura e inclusão digital	60
<i>Tracy Freitas</i>	
Cultura, acessibilidade e protagonismo: a experiência do Pertence	63
<i>Bianca Bueno</i>	
Influenciando hábitos culturais.....	66
<i>Karen Sica</i>	
Qual é a Boa? Comunicação digital que move a cultura	68
<i>Rita Santos</i>	
Um manifesto contra o etarismo na cultura	70
<i>Alice Urbim</i>	
Carne Digital: avatares dançantes como dispositivos de memória em dança.....	75
<i>Mônica Fagundes Dantas</i>	
Cartografia dos Palcos no AXIS Summit 2026	77
<i>Sílvia Abreu</i>	
Cultura que regenera: o Selo +VERDI e a revolução sustentável no setor criativo	79
<i>Daiane Lippert Tavares</i>	

LEGADO

Epílogo: o amanhã começa agora	82
<i>Thainan Rocha</i>	
Agradecimentos	87
Ficha técnica.....	88

APRESENTANDO: O PRIMEIRO AXIS

ABERTURA

Thainan Rocha¹, Thaini Menegazzo² e Daiane Tavares³

Quando subimos ao palco para abrir o AXIS 2026, sabíamos que não estávamos apenas iniciando um evento. Estávamos inaugurando um espaço de encontro, escuta e construção coletiva em um território que, mais do que nunca, reivindica novos caminhos para reconstruir, criar e transformar.

O Rio Grande do Sul sempre foi reconhecido por sua força criativa. No entanto, diante dos desafios sociais, ambientais e econômicos que atravessam nosso tempo, essa criatividade precisa ser mobilizada também como potência de inovação sustentável. Foi dessa urgência que nasceu o AXIS: da necessidade de aproximar cultura, tecnologia, sustentabilidade e impacto, criando pontes entre diferentes atores, saberes e práticas. Este e-book é o registro vivo desses dois dias intensos em que Porto Alegre se tornou o epicentro de um ecossistema cultural

1 Thainan Rocha é Diretor Executivo da GUDI.

2 Thaini Menegazzo é Diretora de Operações da GUDI.

3 Daiane Tavares é Líder de Estratégia de Sustentabilidade na GUDI.

em movimento. Nas próximas páginas, você encontrará fragmentos das mesas de debate, reflexões provocadas pelas palestras e um pouco da energia do nosso Ateliê de Criatividade e Inovação nas Artes. Mas, acima de tudo, encontrará a prova de que tecnologia, sustentabilidade e cultura podem – e devem – caminhar de mãos dadas. Esta publicação busca preservar a energia, as ideias e as conexões que deram forma à primeira edição do AXIS.

Ao longo deste e-book, convidamos você a revisitar as conexões feitas entre governo, academia, artistas e negócios. Apresentaremos os precedentes do AXIS e nossa primeira edição, passaremos por relatos das pessoas que participaram e construíram esse espaço de encontro, e concluímos com pistas para um futuro. Este livro não é apenas um relatório do que aconteceu. É também uma memória coletiva, um convite à comunidade e um guia inicial para aquilo que ainda podemos construir. Afinal, como percebemos durante o AXIS, quando a inovação encontra a sustentabilidade, a cultura vira o jogo, ampliando sua capacidade de imaginar futuros e transformar realidades

Boa leitura!







APOIADORES



Tecnopuc/PUCRS

Foi muito legal participar e receber o AXIS Summit aqui no Tecnopuc, pois foram dois dias de encontros e palestras do mais alto nível, com a presença de Reitores das principais Universidades gaúchas, pesquisadores, estudantes e profissionais das áreas de cultura, inovação, sustentabilidade e economia criativa. Em especial tive o privilégio de conduzir o painel com os Reitores da UFRGS, UFCSPA, PUCRS e UNISINOS, onde refletimos sobre o futuro das conexões das áreas de educação e cultura e seu papel no desenvolvimento do nosso Estado e a atuação das nossas Universidade nos ecossistema gaúcho e nacional.

Jorge Audy⁴

Famecos/PUCRS

A primeira edição do AXIS Summit representou um encontro potente entre cultura, inovação e sustentabilidade, e a Escola de Comunicação, Artes e Design – Famecos/PUCRS teve a satisfação de abrir suas portas para essa construção coletiva. Receber um evento inédito dedicado à economia criativa do Rio Grande do Sul reforçou o compromisso da Escola com a conexão entre universidade, mercado, poder público e comunidade cultural. Ao lado do Tecnopuc, a Famecos tornou-se espaço de troca, reflexão e experimentação, reunindo artistas, pesquisadores, empreendedores, estudantes e lideranças em torno de diálogos fundamentais para o futuro da cultura. Mais do que sediar o AXIS e participar ativamente do evento, foi uma oportunidade de fortalecer redes, estimular novas parcerias e reafirmar a importância da colaboração para impulsionar o ecossistema criativo gaúcho. Fazer parte dessa primeira edição foi inspirador e simbólico para toda a nossa comunidade acadêmica.



Rosângela Florczak⁵

4 Jorge Audy é Superintendente de Inovação e Desenvolvimento da PUCRS e do Tecnopuc.

5 Rosângela Florczak é decana da Escola de Comunicação, Artes e Design – Famecos/PUCRS.



Ponte Criativa/PUCRS

A proposta da GUDI foi apresentada à Ponte Criativa no saguão da Famecos, em uma tarde quente de verão. A apresentação foi tão empolgante que, em pouco mais de vinte minutos, já estávamos convencidos de que seria um evento que traria para a Escola algo que queremos sempre por aqui: uso e movimento do nosso espaço, pessoas interessantes, assuntos mais quentes que a referida tarde, discussões produtivas, rodadas informais de negócios, networking e, claro, muitos sorrisos. A Ponte Criativa contou com o apoio de toda a comunidade de professores e estudantes da Famecos e do Tecnopuc. O summit, que inicialmente seria sobre economia criativa e cultura, terminou por abranger temas atuais, da maior relevância para nossa sociedade: educação, arte, cultura, empreendedorismo, produção cultural e, não poderia faltar, tecnologias. Um ponto alto: a presença de quatro reitores das maiores universidades de Porto Alegre. Um ponto “fraco”: o tempo — dois dias foi pouco tempo pra tanto assunto! Que venham mais edições, cada vez maiores e mais abertas — de temas, de pessoas e de sorrisos. Bravo!

Raul Krebs⁶

RS Criativo/SEDAC RS

Para o RS Criativo, apoiar iniciativas como o AXIS significa fortalecer espaços de conexão, inovação, pensamento crítico e construção coletiva entre diferentes áreas da indústria criativa, da educação, da tecnologia e do empreendedorismo. Eventos dessa natureza cumprem um papel fundamental na formação de redes colaborativas, na valorização dos talentos criativos e na construção de perspectivas mais humanas e sustentáveis de desenvolvimento, gerando impactos que vão muito além da programação realizada. Ao ampliar repertórios, inspirar novas possibilidades de atuação profissional e promover a articulação entre



⁶ Raul Krebs é professor da Famecos/PUCRS e Produtor – Arte e Cultura na Ponte Criativa/PUCRS.

academia, setor público, mercado e sociedade civil, o AXIS contribui para a consolidação de ecossistemas capazes de transformar conhecimento em impacto social, cultural e econômico nos territórios. Além disso, registrar e documentar experiências como esta é essencial para consolidar memórias, compartilhar aprendizados e evidenciar a importância de parcerias institucionais comprometidas com a criatividade como estratégia de desenvolvimento sustentável e transformação da realidade. Foi uma grande alegria para o RS Criativo fazer parte desta construção coletiva e contribuir, ainda que de forma institucional, para uma iniciativa tão relevante e inspiradora.

Juliana Sehn⁷

⁷ Juliana Sehn é coordenadora do Programa RS Criativo, da Secretária de Estado da Cultura do RS.



O início do AXIS

Thaini Menegazzo

Nenhum movimento duradouro nasce no vácuo. Ele surge do encontro preciso entre a necessidade urgente de mudança e a coragem de propor o inédito. A GUDI, uma *startup* de inteligência cultural, foi a engrenagem por trás dessa construção. O AXIS começou como parte de um sonho de três grandes amigos com sede de mudança: Thainan Rocha, Leonardo Vitorino e Thaini Menegazzo. Ousadamente, nós propusemos um projeto de desenvolvimento comunitário e tecnológico, criado para fortalecer o ecossistema das artes cênicas do Rio Grande do Sul dentro da economia 5.0, integrando tecnologia e bem-estar social. Nosso grande objetivo foi promover o desenvolvimento sustentável das artes cênicas locais e do seu ecossistema, que inclui outros segmentos da cultura e economia criativa (artes visuais, audiovisual, literatura, música, publicidade, educação e patrimônio); buscando cocriar novos sistemas comerciais e comunicacionais para essa rede, focados na Tríade da Sustentabilidade: ambiental, social e econômica.

O projeto inicial era um aplicativo: o GUDI app, uma plataforma que gamifica o acesso à cultura e conecta o público com atividades culturais via geolocalização e uma moeda cultural. Testemunhando os efeitos da crise climática, logo também começamos o desenvolvimento de um Selo Verde na Cultura e um projeto de Ecopontos culturais, promovendo o consumo cultural aliado a práticas

sustentáveis. O Summit, inicialmente, foi pensado para ser o evento de lançamento dessas iniciativas.

No entanto, no cenário cultural da década de 2020, marcado por desafios complexos, urgia a criação de uma ponte definitiva para resiliência, inovação econômica e profissionalização. Durante meses de trabalho, percebeu-se que era preciso conectar o talento artístico às engrenagens da sustentabilidade econômica e tecnológica de longo prazo também para além do aplicativo. Antes das conexões digitais, precisava haver a conexão interpessoal; e vimos no Summit a oportunidade perfeita para isso.

Foi exatamente dessas inquietações que nasceu o AXIS: o primeiro Summit de Inovação Sustentável das Artes. Mais do que um evento isolado no calendário, o AXIS foi concebido desde o seu primeiro rascunho para ser uma plataforma viva de novos insights e tendências. O norte estrutural era ambicioso, mas inegociável: criar, conectar e fortalecer um ecossistema cultural que fosse, ao mesmo tempo, resiliente, sustentável e orientado para o futuro. Este evento não aconteceu por acaso. Quando escolhemos o nome AXIS, pensamos no ponto de equilíbrio. Na física, o eixo é o que permite o movimento; na cultura, o eixo é o que sustenta a inovação. E foi nos dias 10 e 11 de março de 2026 que o Rio Grande do Sul se tornou esse centro, onde a tradição da nossa arte gira em harmonia com as tecnologias de amanhã.

A materialização de um projeto dessa magnitude exigiu uma engenharia institucional robusta, capaz de unificar as esferas pública, privada e acadêmica sob o mesmo propósito. Como uma iniciativa inédita no Estado, o AXIS encontrou o solo fértil ideal para a sua disrupção ocupando as instalações da Escola de Comunicação, Artes e Design – Famecos da PUCRS e os ambientes de inovação do Tecnopuc. Ali, estabelecemos um ponto de convergência para conectar quatro forças fundamentais do mercado local e nacional: artistas e criadores, impulsionando narrativas e experiências; gestores públicos em busca de soluções inovadoras para a comunidade; pesquisadores desenhando estratégias mercadológicas contemporâneas; e marcas engajando novos públicos e gerando novas frentes econômicas.

“O norte estrutural era ambicioso, mas inegociável: criar, conectar e fortalecer um ecossistema cultural que fosse, ao mesmo tempo, resiliente, sustentável e orientado para o futuro.”

O AXIS não surgiu apenas para debater teorias, mas para provocar ação imediata. Em dois dias intensos de trocas, o summit transformou-se em um espaço de networking e geração de novos negócios. A metodologia do evento foi desenhada para misturar a densidade acadêmica com o pragmatismo do mercado. Palestras e mesas de debate sobre conexão e futuro consciente dividiram espaço com rodadas de negócios, ateliês de criatividade, cases de sucesso aplicados e o lançamento de ferramentas tecnológicas inovadoras para o setor propostas pela GUDI.

Outro grande diferencial do AXIS foi o seu **compromisso inegociável com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU e a promoção ativa de práticas ESG no setor cultural**. O evento se posicionou como um forte catalisador da Agenda 2030, onde **cada atividade foi estrategicamente vinculada ao cumprimento de metas globais**. As mesas de debate sobre o futuro da cultura, as rodadas de negócio, a ênfase em soluções tecnológicas e os espaços de conexão atenderam a objetivos de “Educação de Qualidade” (ODS 4), “Ação Contra a Mudança Global do Clima” (ODS 13), “Indústria, Inovação e Infraestrutura” (ODS 9), “Consumo e Produção Responsáveis” (ODS 12), “Trabalho Decente e Crescimento Econômico” (ODS 8) e “Parcerias e Meios de Implementação” (ODS 17).

Desta forma, o AXIS provou em seu nascimento que a cultura não é apenas um adereço social, mas a engrenagem central para cidades sustentáveis, economias inclusivas e comunidades resilientes. Fincando sua bandeira não apenas como um marco cultural passageiro, mas como um aliado estratégico e mensurável para o fortalecimento duradouro da economia criativa regional.



Nota da curadoria

Leonardo Vitorino¹ e Thainan Rocha



Olhar para a grade desta primeira edição do AXIS Summit é compreender que o evento nasceu gigante não por um mero exercício de escala megalomaniaca, mas porque respondeu a uma urgência latente do nosso tempo. O verdadeiro desafio criativo de articular 40 atividades e convergir 104 speakers esteve na engenharia de uma arquitetura de pensamento que fizesse o ecossistema cultural gaúcho dialogar sob novas premissas.

Como curadores à frente da GUDI, fomos movidos por uma inquietação central: como estruturar um debate interdisciplinar que tensionasse as dimensões sociais, ambientais e econômicas da produção criativa sem aprisioná-la em caixas óbvias? Sabíamos que o Rio Grande do Sul precisava de caminhos inéditos. Por isso, propusemos uma curadoria fundamentada na provocação e no encontro de ideias que habitualmente não se cruzam, convictos de que a fricção criativa e a pluralidade de visões são os verdadeiros motores da inovação.

Nessa jornada, contamos com a participação inestimável de Raul Krebs, da Ponte Criativa, que integrou a nossa comissão curatorial. Seu olhar atento a novas e instigantes iniciativas trouxe para o cerne do evento muito do que há de mais promissor e vanguardista no futuro da nossa cultura, sendo peça-chave na oxigenação dos nossos palcos.

1

Leonardo Vitorino é Diretor de Comunicação da GUDI.

Nossa posição fora do eixo estava marcada na essência do AXIS desde seu nome, inspirados conceitualmente por Fernando Peixoto². Assumimos a descentralização não apenas como uma meta geográfica para valorizar o Rio Grande do Sul para além do circuito Rio-São Paulo, mas como uma postura política de ruptura estética. Estar fora do eixo, para nós, significou subverter o lugar comum e deslocar os debates tradicionais. Recusamo-nos a prender as identidades e os segmentos em seus marcadores sociais e temáticos preexistentes. Queríamos ver a periferia, as

dissidências, as mulheres e a negritude ocupando o centro da mesa para ditar tendências, mercado, tecnologia e governança, desfazendo a lógica excludente de que determinados corpos só possuem legitimidade para debater as suas próprias condições de existência. Provocamos o bar drag a destrinchar sua sustentabilidade econômica, o museu comunitário a pautar seu impacto ambiental e a academia a transbordar sua pesquisa teórica em desenvolvimento tecnológico de ponta. Não há inovação sem diversidade, e não há diversidade sem emancipação.

1 Peixoto, F. Um teatro fora do eixo. São Paulo: HUCITEC, 1997.

Essa costura conceitual se materializou em 8 eixos fundamentais:

- **Eixo Alianças Estratégicas:** Dedicado a acionar a maturidade da Aliança Pela Inovação e a força das grandes universidades, demonstrando como a união de esforços e o conhecimento aplicado podem projetar novos futuros para o setor.
- **Eixo Sustentabilidade Ambiental:** Destinado a inserir as artes no centro da agenda climática global. Investigou a responsabilidade ecológica de uma indústria que gera desejo de consumo e faz uso intensivo de recursos, **culminando no lançamento pioneiro do Selo +VERDI.**
- **Eixo Sustentabilidade Econômica:** Focado em discutir a cultura como setor pujante de geração de renda. Ali se debateu modelos

de negócios, parcerias comerciais, gestão e estratégias para tornar os empreendimentos criativos independentes e competitivos.

- **Eixo Sustentabilidade Social:** Voltado à descentralização, à inclusão e ao impacto social das artes nas comunidades. Seu papel foi discutir políticas de permanência, diversidade e como os agentes culturais atuam como redes de apoio e transformação social nos territórios.
- **Eixos Estratégias do Jogo:** Um eixo de caráter prático e estrutural. Ali se destrinchou os bastidores do funcionamento institucional da cultura, debatendo o uso de fomento público, novos formatos de financiamento, comunicação digital e captação de marcas.
- **Eixo Cultura e Cidade:** Pautado na relação intrínseca entre as manifestações artísticas, a atratividade urbana e o desenvolvimento regional. Prestou-se a debater o turismo de experiência, estratégias de posicionamento de marcas de cidades e como a cultura desenha novos fluxos econômicos, de resiliência e de identidade para os territórios.
- **Eixo Futuros:** Focado no mapeamento e antecipação de macro-tendências de comportamento, mercado e consumo de bens culturais. Seu propósito foi preparar o ecossistema para as transformações sociais e demandas que moldarão as próximas décadas.
- **Eixo Cultura e Tecnologia:** Onde a vanguarda digital cruzou com o fazer artístico. Dedicou-se a apresentar cases práticos de disrupção tecnológica aplicada às artes e a debater novas linguagens de produção, marco coroado pelo lançamento oficial do GUDI app.

Ver o público habitar essas arenas e manifestar o desejo constante de se multiplicar para acompanhar discussões simultâneas nos deu a certeza de que a provocação surtiu efeito e que o debate não se esgotou ali.

O AXIS brotou não apenas para celebrar a cultura, mas para impulsionar o setor como uma força econômica viva, consciente e em rede.

PROGRAMAÇÃO E NÚMEROS

Mais do que debates inspiradores, a primeira edição do AXIS Summit gerou uma mobilização expressiva que demonstra o tamanho da nossa comunidade cultural. O desejo de fazer parte dessa transformação movimentou as redes e lotou as arenas da universidade. Confira o impacto do evento traduzido em dados de engajamento:

+1200

PARTICIPANTES INSCRITOS

+100

PARTICIPANTES NAS
ATIVIDADES FORMATIVAS

+200

INSTITUIÇÕES CULTURAIS

104

SPEAKERS

40

ATIVIDADES PARA VIRAR
O JOGO DA CULTURA

PROGRAMAÇÃO – 10/03/2026

Arena Famecos		Arena South Summit		Arena TECNOPUC		Cinema Apple		Arena CriaLab		
Manhã	Eixo Alianças estratégicas									
		INTERVALO								
Tarde	Eixo Sustentabilidade ambiental	Eixo sustentabilidade econômica	MESA		MESA		PERFORMANCE		OFICINA	
			PRECISAMOS FALAR DE NEGÓCIOS		FAZENDO CULTURA, ENGAJANDO COMUNIDADES		GRAFITE DIGITAL		PITCH SOUTH SUMMIT BRAZIL	
			A ECONOMIA DOS FESTIVAIS		CULTURA NEGRA EM MOVIMENTO					

MESA QUAL A PEGADA ECOLÓGICA DA CULTURA? Érica Maciel (Grupo Azzas), Tieli Jaques (ARCO), Thainan Rocha (GUDI), Med. Felipe Nascimento (UFRGS)	CASE FESTIVAIS QUE MOVEM REDES Letícia Vieira (Fundação Theatro São Pedro), Carlla Bublitz (Ballet Vera Bublitz), Med. Ricardo Barberena (Instituto de Cultura da PUCRS)	MESA ACESSIBILIDADE E INCLUSÃO EM CENA Bianca Bueno (Fábrica de Sonhos), Letícia Schwartz (Mil Palavras), Lucas Bourscheid, Med. Angela Russo (Para Todos Acessibilidade)	
PALESTRA POLÍTICA CULTURAL MAIS VERDE Dona Conceição (MinC)	MESA A ARTE DO EMPREENDER Rodrigo Krás Borges (Workroom), Andréa Franco (Tablado Andaluz), Fabio Vieira (Galeria .ISTA), Med. Raul Krebs (PUCRS)	MESA UMA CULTURA FEITA POR MULHERES Bel Medula (UFRGS), Silvana Rodrigues (Multiartista), Carol Zimmer (Ruidosas), Med. Fernanda Nascimento (PUCRS)	
LANÇAMENTO SELO +VERDI			
HAPPY HOUR House of Harpya @ Jardim Famecos			

PROGRAMAÇÃO – 11/03/2026

Arena Famecos

Arena South Summit

Cinema Apple

CriaLab

Manhã

Eixo Estratégias do jogo

MESA

DIVULGAÇÃO PARA ALÉM DO CARTAZ: CULTURA NAS REDES SOCIAIS

Nath Severo, Dani Hil (Trevó),
Jean Carlo Pires (Rolezinho),
Med. Louise da Campo (ONG Somos)

MESA

PARCERIAS QUE FAZEM A CULTURA ACONTECER

Adelino Bilhalva (Justo), Cássio Mensch (Imobi),
Leonardo Menin (MP-RS), Med. Roger Lerina

CASE

FORMAÇÃO DE PÚBLICOS: ESTRATÉGIAS DIVERSAS

Daniela Mazzilli (Cinemateca Capitólio), Juliana
Barros (Galpão Floresta Cultural), Med. Clóvis
Massa (UFRGS)

MESA

PROJETOS QUE GANHAM FOMENTO

Gabriela Munhoz (Banrisul Cultural), Rafael Balle
(SEDAC RS), Eduardo Ayd (APOIA.se), Med. Denise
Pagnussatt (PUCRS)

Eixo Cultura, turismo e cidade

MESA

CULTURA E CIDADE

Patrícia Fagundes (Cia Rústica), Johnny Rickes
(Quarto POA & POA Centro), André Hernandez (POA
Mal Assombrada), Med. Tuti Giorgi

CASE

GRAMADO, UM CASE CULTURAL

Stefano Roldo (Gramadotur), Med. Leo Vitorino
(GUDI)

MESA

O TURISMO DE EXPERIÊNCIA NO VINHO

Aurora Zen (UFRGS), Siana Rissi Frandoloso (Afavin),
Alessandra Muraro (Casa Eva), Med. Ana Fagundes
(South Summit Brazil)

MESA

PLACE BRANDING: CONSTRUINDO O FUTURO DE GRAMADO

Caio Esteves (N/ Lugares Futuros), Ricardo Müller
(Protarget), Ricardo Bertolucci (Secretaria de
Turismo de Gramado), Med. Tiago Rigo (PUCRS)

ATELIÊ DE CRIATIVIDADE E INOVAÇÃO NAS ARTES

Thainan Rocha
Clóvis André

MENTORIA

Thainan Rocha (GUDI)
Djenifer Walczak (South Summit Brazil)
Maria Malfatti (APOIA.se)
Dani Hil (Trevó)
Fernanda Tonezer (PUCRS)
Isabel de Borba (UFRGS)
Raul Krebs (PUCRS)

MOSTRA

INTERVALO

Tarde

Eixo Futuros

CASE

IMPACTO SOCIAL E HERANÇA COMUNITÁRIA

Maria Heloísa da Rosa (Biblioteca Comunitária Girassol), Cíça Reckziegel (Usina do Trabalho do Ator), Med. Gabriela Frühauf (Dot,Inc)

MESA

TENDÊNCIAS PARA A CULTURA DO AMANHÃ

Pedro Mendes (Crialab), Fausto Vanin (OnePercent), Med. Cristiano Max (PUCRS)

MESA

EDUCAR PARA O FUTURO

Rosângela Florczak (PUCRS), Zé Adão Barbosa (Escola Casa de Teatro), Daniela Aquino (SENAC RS), Med. Thaini Menegazzo (GUDI)

MESA

8 OU 80: O PÚBLICO DO FUTURO?

Viviane Juguero (Bando de Brincantes), Alice Urbim (Pé na Porta), Med. Paula Puhl (PUCRS)

Eixo sustentabilidade econômica

MESA

CULTURA E INCLUSÃO DIGITAL

Tracy Freitas (SEIDAPE RS), Isabel de Borba (SEDETEC UFRGS), Med. Marcio Pizarro Noronha (UFRGS)

CASE

CASES QUE VIRAM O JOGO: ENTREATOS E ROLÊ

Tom Peres (EntreAtoS), Filipe Dorneles (Rolê Entretenimento)

MESA

INFLUENCIANDO HÁBITOS CULTURAIS

Gabriela Frühauf (Dot,Inc), Jeferson Silva, Rita Santos, Med. Karen Sica (PUCRS)

CASE

CASES QUE VIRAM O JOGO: CARNE DIGITAL E IDEIA À VISTA

Mônica Dantas (UFRGS), Beto Rôa (Ideia à Vista)

MESA

A IMPRENSA CULTURAL NA ERA DIGITAL

Roger Lerina, Raphaela Donafior, Marcélio Ferla, Med. Fabio Canatta (PUCRS)

CASE

CASES QUE VIRAM O JOGO: CASES QUE VIRAM O JOGO: SULFLIX E CARTOGRAFIA DOS PALCOS

Daniela Menegotto (SULFLIX)
Sílvia Abreu (Cartografia dos Palcos)

LANÇAMENTO

GUDI app

ENCERRAMENTO

RODADA DE PITCHES

Djenifer Walczak
Ana Fagundes
Débora Ataydes
Guilherme Resende
Leonardo Menin
Fernanda Dora
Leonardo Vitorino

HAPPY HOUR

DJ Pajú

Aliança pela Inovação na Cultura



A participação no AXIS Summit reforça o compromisso da PUCRS na construção de um ecossistema cada vez mais colaborativo, dinâmico e conectado aos desafios do nosso tempo. Trata-se de um espaço estratégico que reúne academia, setor produtivo e poder público, promovendo a troca de conhecimentos e a geração de soluções inovadoras com impacto real na sociedade.

Ao nos reunirmos com os demais reitores da Aliança para a Inovação, reafirmamos nossa atuação conjunta na formação de talentos, no estímulo ao empreendedorismo e na transformação de ideias em iniciativas concretas. O AXIS Summit simboliza essa conexão entre visão e ação, contribuindo para consolidar Porto Alegre como um polo relevante de inovação no Brasil e no mundo

Ir. Manuir José Mentges¹

¹ Ir. Manuir José Mentges é reitor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Participei do AXIS Summit, onde pude encontrar pessoas comprometidas com a arte e a cultura como expressões fundamentais da civilização humana. Na ocasião, trouxe à memória os ancestrais que construíram a história das Missões Jesuítico-Guaranis, que neste ano completam 400 anos. Trata-se de uma data que evoca celebração e reflexão.



Celebramos a soma de saberes, o encontro entre essas culturas e o legado deixado para a formação do Estado do Rio Grande do Sul. Vale lembrar que a formação cultural do povo gaúcho encontra raízes profundas na civilização construída pelo povo Guarani em diálogo com o projeto educativo trazido pelos jesuítas. Mas trata-se também de um convite à reflexão sobre aquilo que ainda hoje podemos aprender com os povos originários, especialmente sua relação com a comunidade, a espiritualidade e o cuidado com a terra. Trata-se, igualmente, de refletir sobre as ameaças e violências que continuam recaindo sobre esses povos em nosso tempo. Na ocasião, reforcei também que a arte e a cultura movem a economia e fazem circular, para além de bens materiais, valores como liberdade, dignidade, cidadania, espiritualidade, inclusão e respeito, em uma estética inclusiva, diversa e crítica, na qual a beleza possa expressar toda a complexidade da vida humana. Ao celebrar os 400 anos das Missões Jesuítico-Guaranis e o legado cultural daí decorrente, a Unisinos expressa sua tradição jesuítica no Estado por meio da criação do Instituto de Arte e Cultura, que terá a missão de catalisar e repercutir as expressões artísticas e culturais da região em conexão com o mundo.

Pe. Sérgio Mariucci²



Representar a Universidade Federal de Ciências da Saúde (UFCSPA) no AXIS Summit foi um belo presente e uma importante oportunidade de diálogo e interação com colegas de outras instituições de ensino e da sociedade civil. O tema da Cultura como vetor de desenvolvimento econômico

e ambiental, de transformação social e como setor estratégico para um ecossistema cultural gaúcho resiliente, sustentável e orientado para o futuro permeia diferentes espaços, sujeitos e concepções.

Na UFCSPA, o tema da Cultura está fortemente imbricado em nossa Instituição e em seus desdobramentos, seja na formação de profissionais da saúde qualificados técnica e eticamente, seja no desenvolvimento de ações de pesquisa com um olhar inovador e conectado com a sociedade. Uma conexão que vincula fortemente a “Federal da Saúde” à sociedade por meio de uma extensão universitária socialmente responsável, vinculada aos territórios e comprometida com as demandas sociais.

Como instituição, nos sentimos fortemente vinculados à proposta do AXIS Summit, na busca de um “bem viver” que privilegia relações de reciprocidade, a valorização da diversidade cultural e étnica e o respeito aos territórios e ao espaço gaúcho.

Luis Henrique Telles da Rosa³

A minha participação no AXIS Summit foi estimulante. Ter reitores da Unisinos, PUCRS e representante da UFCSPA na coordenação do Audy foi uma experiência de aprendizado. Inovação cultural é algo ainda recente e que precisa justamente da coordenação de visões universitárias para seu aprimoramento e aprendizagem.



Marcia Barbosa⁴

3 Luis Henrique Telles da Rosa é pró-reitor de Extensão, Cultura e Assuntos Comunitários da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA).

4 Marcia Barbosa é reitora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).





Criatividade e ação diante da crise climática

Aline Bueno¹ e Antônia Wallig²



Em 1941, os prédios que hoje compõem o *Centro Cultural Vila Flores*, uma comunidade criativa sediada, desde 2013, em um patrimônio histórico e arquitetônico localizado no 4º Distrito de Porto Alegre, foram tomados pelas águas de uma enchente, a primeira de grandes proporções a assolar a cidade. À memória do que não foi vivido se sobrepõe hoje a outra triste marca, a da segunda enchente, ocorrida em 2024, a qual, testemunhamos. Durante 22 dias todo térreo das três edificações do complexo arquitetônico ficou com 1,5m de água causando um enorme prejuízo material e emocional a residentes e frequentadores do local. Grandes mutirões, somados ao apoio financeiro de amigos e apoiadores, possibilitaram uma relativamente rápida limpeza e reconstrução emergencial dos espaços de uso comum afetados. No entanto, ainda há espaços que seguem em processo de recuperação.

Mas havia muito mais a ser feito, era preciso retomar também processos e projetos em andamento. Mas com

1 Aline Bueno é uma das fundadoras e coordenadora de projetos da Associação Cultural Vila Flores.

2 Antonia Wallig é uma das fundadoras e gestora da Associação Cultural Vila Flores.

que energia? Com que ânimo? Com que fôlego? Como se recomeça depois que uma anunciada tragédia climática acontece? Nossa resposta veio através de dois programas realizados com recursos subsidiados: o Catavento e o Palafita.

O *Programa Catavento – criatividade, colaboração e circularidade* foi realizado entre dezembro de 2024 e julho de 2025 com recursos da Lei Complementar nº 195/2022 (Lei Paulo Gustavo), através do Ministério da Cultura e da SEDAC/RS. O programa estava composto por uma série de atividades: uma Formação e um Encontro em Economia Colaborativa e Circular, uma premiação chamada *Me Conta: Soluções Criativas*, uma Feira e visitas mediadas ao *Centro Cultural Vila Flores*. Foram muitos momentos de trocas em que pudemos discutir e colocar em prática possibilidades de ação relacionadas às emergências climáticas.

“Como se recomeça depois que uma anunciada tragédia climática acontece? Nossa resposta veio através de dois programas realizados com recursos subsidiados: o Catavento e o Palafita.”

Em março deste ano (2026), demos início ao *Programa Palafita* com o apoio financeiro do *Fundo Socioambiental Caixa* com a intenção de contribuir para o fortalecimento econômico, social e ambiental das comunidades de baixa renda do 4º Distrito, fortemente impactadas pela enchente de maio de 2024. O *Programa Palafita* é formado por projetos estruturantes, sendo esses: *Me Conta:*

Reconstrução Comunitária; Oficinas de Geração de Renda; Reforma do térreo do *Centro Cultural Vila Flores*; Várzea Lab | Núcleo de Estudos e Práticas para Mitigação e Adaptação Climática de Cidades e Comunidades.

Como gestoras do Vila Flores, fomos convidadas a participar do evento *AXIS*, integrando duas mesas com propostas temáticas muito conectadas aos projetos Catavento e Palafita. Na mesa “Fazendo Cultura, Engajando Comunidades”, Antonia Wallig conversou com Dona Conceição, músico, multiartista e representante do MinC Sul, com mediação de Michel Couto, do Formô Hub. A conversa aconteceu como uma grande troca de experiências e reforçou a importância das políticas públicas, especialmente

da política Cultura Viva do Ministério da Cultura, no fortalecimento dos pontos de cultura em territórios periféricos, valorizando saberes e fazeres locais e garantindo continuidade às iniciativas.

Também se falou sobre o papel dos centros culturais em cada território. Reforçamos que esses espaços precisam existir como lugares de pertencimento e conexão com as pessoas do lugar. Assim como as unidades básicas de saúde, cada território deveria contar com seu equipamento cultural, concebido junto com a comunidade, seja ele público ou privado, com acesso a diferentes fontes de recursos e com apoio e legitimidade das governanças local e nacional.

Na mesa “Clima Criativo: Responsabilidade Ambiental nas Artes”, Aline Bueno conversou com Lígia Petrucci, diretora do Departamento de Difusão Cultural da UFRGS, e com a atriz Elisa Heidrich, com mediação de Andrei Rossetto, jornalista e professor da Famecos. A conversa partiu do entendimento de que as diferentes manifestações artísticas têm um papel importante em sensibilizar o público para as

“Foram muitos momentos de trocas em que pudemos discutir e colocar em prática possibilidades de ação relacionadas às emergências climáticas.



questões ambientais. A partir disso, as participantes falaram sobre um jeito de fazer cultura em que responsabilidade ambiental esteja presente em todas as etapas do processo. Isso passa desde o olhar para o descarte de resíduos e a origem dos materiais e equipamentos até a forma como a mensagem chega ao público.

Na conversa, ficou evidente que o ambiental não se separa do social. Diante do contexto atual, as questões climáticas pedem soluções que integrem essas duas dimensões, contribuindo tanto para

a regeneração do planeta quanto para a redução dos impactos das mudanças climáticas que já estamos vivendo. Nesse contexto,

se destacou o papel dos artistas e produtores culturais como agentes ativos nesse debate. Ao lidar com essas questões de forma mais sensível e complexa, muitos acabam atuando também como ativistas, elaborando narrativas que provocam reflexão e mobilização. Da mesma forma, os espaços culturais que acolhem diferentes linguagens artísticas e oferecem ao público a possibilidade de transitar entre elas têm um papel fundamental. São nesses encontros que surgem os incômodos necessários, capazes de provocar deslocamentos e transformar formas de pensar e agir.

Como espaço de encontro e troca, o AXIS Summit promoveu importantes articulações entre essas temáticas e diversas outras que se mostraram estratégicas para o desenvolvimento da cultura e da economia criativa, ampliando diálogos, conectando agentes e fortalecendo caminhos coletivos de transformação.

Em relação à atuação do Vila Flores em projetos de impacto cultural e socioambiental, buscamos, a partir de programas como o Catavento e o Palafita, em articulação com comunidades, universidades, iniciativa privada e gestão pública, desenvolver soluções efetivas que contribuam para melhorar a vida das pessoas e suas comunidades. Especialmente no que tange avanços no planejamento urbano, a consolidação de políticas públicas, a adaptação das populações às mudanças climáticas, a sustentabilidade socioeconômica de pequenos empreendimentos da região e a promoção do bem-estar de moradores e trabalhadores.





Crise climática, Ilha da Pintada e demais ilhas: Memória Viva!

Teresinha Carvalho da Silva¹

As Ilhas de Porto Alegre RS, bairro Arquipélago, em especial ilha da Pintada, outrora denominada Capital das Ilhas, antes do período das enchentes de 2024, possuía, entre outros atrativos, o turismo náutico que acolhia turistas de todas as partes. Era trazido pelo Barco Porto Alegre 10 e outros, aos domingos, para uma experiência gastronômica na Colônia de Pescadores Ernesto Alves Z5, na ilha da Pintada, que oferecia aos turistas o famoso “peixe na taquara”.

Neste contexto já estávamos atraindo turistas não somente de barco, ônibus, ciclistas, cuja programação acontecia integrando o almoço na Z5 e o Museu das Ilhas. O artesanato típico da região e o turismo se consolidavam através da presença do maior Museu de bairro a céu aberto de Porto Alegre — no bairro Arquipélago —, contando as histórias dos descendentes luso açorianos, alemães, franceses e outros, desde o século XVIII.

Atualmente, em 2026, está ocorrendo a busca pela reorganização e volta das atividades das instituições na ilha. Já em funcionamento, a Confeitaria das Gurias e a

1

Teresinha Carvalho da Silva é fundadora do Museu das Ilhas.

Colônia dos Pescadores Ernesto Alves Z5, atualmente chamada Colônia dos Pescadores e Aquicultores Z5, com o retorno do turismo náutico. A grife Art'Escama e o Museu das Ilhas continuam buscando a sua completa reorganização.

Lamentamos que as ilhas tenham sido atingidas pela crise climática — especialmente a Ilha da Pintada, Ilha Mauá, Ilha Grande dos Marinheiros, Ilha das Flores e Ilha do Pavão —, tragédia desencadeada pela natureza, destruindo casas, atingindo o coração e o amor dos ilhéus e moradores que ali vivem e aos que foram obrigados a sair, sem condições de recuperação de suas casas. Cada um trazia parte da história de Porto Alegre, totalmente desconhecida por muitos.

Então nossa luta, através do Museu das Ilhas, é cumprir com a missão de preservar a cultura deste povo e seus ancestrais. E o futuro de cada morador, neste momento está entregue aos governantes, na esperança de que, no mínimo, a Memória seja preservada e permaneça viva!





Clima criativo: responsabilidade ambiental nas artes

Elisa Beschorner Heidrich¹

Dia 10 de março de 2026, tive o prazer de participar da mesa **Clima Criativo: Responsabilidade Ambiental nas Artes** ao lado de Aline Bueno, coordenadora de projetos na Associação Cultural Vila Flores, Lúgia Petrucci, diretora do Departamento de Difusão Cultural da UFRGS, com mediação de Andrei Rossetto, jornalista e professor da Famecos/PUCRS. O tema é caro para mim, pois atravessa minha trajetória como atriz, pesquisadora das Artes da Cena e, principalmente, como ser humano habitante da Terra na era do Antropoceno.

Começo minha argumentação com questões que têm povoado minha prática artística e minha atual pesquisa de doutorado: O que podem as artes diante das mudanças climáticas? E o que podemos fazer, como artistas e pesquisadores em artes, diante das mudanças climáticas? A primeira pergunta me traz uma sensação de impotência diante do cenário desenhado pelo sistema capitalista, diante das multinacionais e seus poluentes, diante do negacionismo. A segunda pergunta, aponta um caminho, uma esperança e uma responsabilidade, palavra que guiou a mesa em questão.

¹ Elisa Heidrich é atriz, multiartista e doutoranda em Artes Cênicas (UFRGS).

Desde os primeiros encontros, congressos e documentos publicados sobre o desenvolvimento sustentável, en-

tende-se que a responsabilidade ambiental deve ser coletiva e uma empreitada com a participação sólida de todas as áreas do conhecimento humano. No início dos anos 2000, no Manifesto de Tutzinger e na Conferência Mundial do Desenvolvimento Sustentável da África do Sul, inicia-se a discussão sobre a fronteira entre artes e sustentabilidade e solicita-se que artistas se envolvam efetivamente com a questão.

Na minha prática, tenho percebido que é uma tarefa um tanto desafiadora, pois precisamos pensar na pegada ecológica de cada produção artística e nem sempre a maneira mais sustentável é a mais viável no mercado da arte (que ainda é muito precário no Brasil). Acredito que existem inúmeros caminhos que se apresentam como possibilidade:

“O que podem as artes diante das mudanças climáticas? E o que podemos fazer, como artistas e pesquisadores em artes, diante das mudanças climáticas?”

a escolha de elementos naturais e materiais reciclados para confecção de obras, cenários, figurinos; a abordagem de

ecossistemas; a realização de ações sociais e de inclusão; a oportunidade do acesso à cultura; e a inspiração direta do mundo natural, por exemplo.

Tive a oportunidade de participar como atriz do espetáculo *Missão Água* (2016), do Depósito de Teatro, com direção de Roberto Oliveira, onde buscamos abordar a temática de uma forma poética e sensível, utilizando também a simbologia da água. Participei da pesquisa *Plantae* (2025), do Grupo Cerco, com orientação de Inês Marocco, onde buscamos a inspiração na lógica das plantas apresentada nas pesquisas do botânico Stefano Mancuso. E, atualmente, investigo *Performances Ecopoéticas* na minha pesquisa de doutorado, buscando celebrar a interconexão entre humanos e não humanos.





O ativismo climático é uma batalha da imaginação

Lígia Petrucci¹

A iniciativa de articular comunidade cultural e artística, representantes de universidades e gestores de políticas públicas para discutir o papel e o alcance do nosso campo para a projeção de um futuro possível já é ótima. Que essa proposição tenha como mote a ideia de ‘virar o jogo da cultura’ é ainda melhor. Porque virar o jogo a nosso favor é, afinal de contas, virar o jogo a favor de todo mundo. E pensar o todo, pensar o mundo, pensar o futuro e a posição das artes e das culturas nesse conjunto implica forçosamente refletir sobre a crise climática. É mais do que louvável, portanto, que entre os eixos propostos pelo Axis Summit 2026 haja um lugar para a questão ambiental.

O convite para integrar a mesa ‘Clima criativo: responsabilidade ambiental nas artes’ ao lado da coordenadora de projetos do Vila Flores Aline Bueno e da atriz e pesquisadora Elisa Heidrich, com mediação de Andrei Rossetto, chegou em muito boa hora. A relação entre cultura e clima, e a urgência desse tema, acabou adquirindo

¹ Lígia Petrucci é diretora do Departamento de Difusão Cultural e do Centro Cultural da UFRGS.

uma importância, e até mesmo uma centralidade, entre as minhas variadas preocupações profissionais, há algum tempo.

Individualmente, me situo e me reconheço como fazendo parte de um segmento de pessoas que acompanha com uma grande dose de angústia as notícias sobre crise climática e os desastres sucessivos que nos atordoam.

Mas a atenção àquilo que chamamos de ambiental não é de hoje. Fui jovem nos anos 80, por isso tinha conhecimento da existência da Agapan (Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural); pude ouvir de pertinho José Lutzenberger, um dos precursores do ambientalismo no Brasil, falar sobre o conceito de Gaia, a terra entendida como um ser vivente – noção essa que, mais recentemente, intelectuais como Ailton Krenak e Antônio Bispo dos Santos ajudaram a propagar, sob outras perspectivas, entre as novas gerações; presenciei o surgimento da Feira Ecológica do Bom Fim. Ao longo desses anos, adotei práticas mínimas, elementares que, sob um olhar mais realista, são insignificantes diante da escala da transformação que precisamos atingir. Mesmo sem um impacto efetivo, persisto com hábitos simples como a separação de resíduos, a caminhada como modo de deslocamento, redução de consumo, valorização dos produtos locais etc.

Há ainda algo a acrescentar na esfera do testemunho pessoal²: tive a sorte de ser apresentada ao conceito de Antropoceno, atualmente bastante disseminado nos mais diferentes meios, por minha filha Maria Petrucci, que o elegeu como tema de estudos de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Letras na UFRGS. Pude ser ouvinte e pude ser leitora.



2 Petrucci, M. *Antropoceno: da crise climática à crise do pensamento*. Porto Alegre, Editora Contratempo, 2024, p. 80.

“Para viver em um planeta ferido, é preciso aprender outras formas de *relação*”.

Eu já estava, com certeza, sensibilizada, preocupada, mas ainda não o suficiente para assumir um ativismo, ou seja, uma ação refletida e concretizada coletivamente.

A perturbação que motivava os pequenos gestos e as conversas cotidianas encontrou algum direcionamento em 2024, o ano da enchente no Rio Grande do Sul, o ano em que li um artigo da escritora e ensaísta estadunidense Rebecca Solnit na revista de literatura *Quatro Cinco Um*.

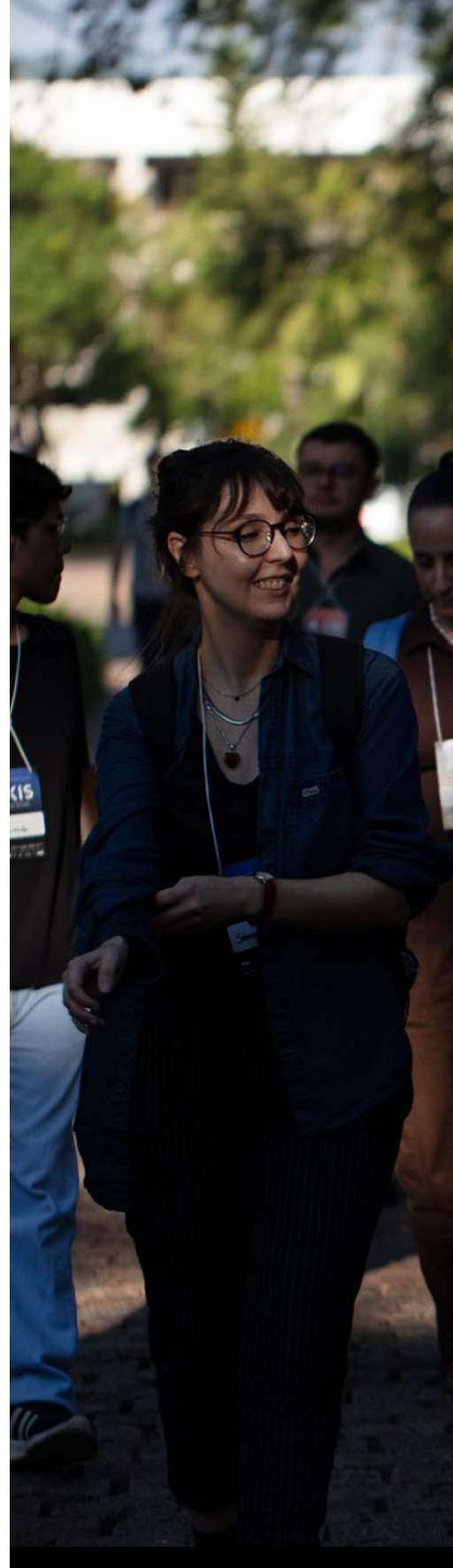
A leitura do texto, somada à experiência vivida, se transformou em uma espécie de força disparadora, levando a considerações que até então não haviam sido tomadas a sério.

“O ativismo climático”, diz Solnit citando a agitadora social adrienne maree brown, “é uma batalha da imaginação”.

E prossegue citando agora a historiadora Mary Heglar:

“Por tempo demais, a luta em defesa do clima se restringe a cientistas e especialistas em políticas públicas. Precisamos deles, mas precisamos de muito mais. Precisamos desesperadamente de mais artistas”.³

Sim, precisamos de artistas, mais e mais e sempre. Contudo, é preciso ir além: precisamos com urgência de agentes culturais que multipliquem, diversifiquem as narrativas, estimulem



3 Solnit, R. “Precisamos de novas histórias sobre o clima”. In *Quatro Cinco Um* – a revista dos livros. São Paulo, Associação Quatro Cinco Um, setembro 2024, p. 24.

novas criações e façam chegar, por meio de uma mediação comprometida, a produção artística de inspiração ecológica, que já é numerosa, aos diferentes públicos.⁴

No Centro Cultural da UFRGS, uma das decisões foi a de incluir, entre as áreas de atuação contempladas no Edital de Ocupação, o tema ‘cultura e emergência climática’ – um eixo transversal, que poderia ser abordado como criação cênica, seminário, proposta expositiva ou quaisquer outras das modalidades constantes no edital.

Assim, no Edital de Ocupação 2025 do Centro Cultural da UFRGS foram selecionadas duas exposições identificadas com a questão climática: Alerta Vermelho, de André Petry, e Panapanã – *Papilionis Transectum*, de Mauro Espíndola.

Alerta Vermelho foi uma proposição do arquiteto e artista visual André Petry que ocupou durante dois meses a Sala Nogueira do Centro Cultural da UFRGS. Com

curadoria de Bianca Knaak e Marco Aurélio Pinto, a exposição reuniu objetos, desenhos, instalações e vestíveis feitos com materiais reaproveitados: tampas e lacres de garrafas pet, sacos de supermercado, gravetos e tecidos de guarda-sóis e guarda-chuvas, bulas de medicação, espaguete de piscina e outros tantos resíduos do nosso cotidiano.

Além das visitas mediadas, o Núcleo Educativo do Centro Cultural organizou oficinas de impressões utilizando técnicas de carimbos e frotagens com mate-

riais recicláveis com o objetivo de promover a conscientização ambiental e o estímulo à criatividade de crianças e jovens participantes.

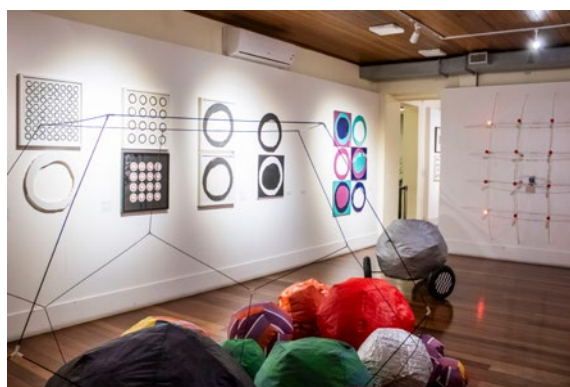
O aspecto lúdico e o acabamento estético de cada peça apresentada potencializaram a intenção do artista de chamar a atenção do público para a superprodução de mercadorias e para o destino dos materiais plásticos, de difícil descarte e decomposição.

“Precisamos com urgência de agentes culturais que multipliquem, diversifiquem as narrativas, estimulem novas criações e façam chegar, por meio de uma mediação comprometida, a produção artística de inspiração ecológica(...)”

4 Aqui vale lembrar que o Ministério da Cultura vem incorporando os debates em torno do clima a sua agenda, notadamente com a construção do Programa Cultura, Meio Ambiente e Mudança do Clima, a ser lançado no segundo semestre de 2026.

A exposição Panapanã – *Papilionis Transectum* (fotos a seguir), idealizada pelo artista e pesquisador Mário Espíndola, está, no momento em que escrevo, instalada na Sala Laranjeira do Centro Cultural da UFRGS. Com curadoria de Marilice Corona, o trabalho de Espíndola nos conduz, a seu modo, para a trama da biodiversidade. Se, por um lado, Panapanã (que em tupi significa 'revoada de borboletas') evoca os antigos gabinetes de curiosidades e elementos da história natural e da história da arte, por outro, faz refletir, de forma ecologicamente sensível, para um absolutamente contemporâneo: a relação interespécies.

A 'batalha da imaginação', como diz adrienne maree brown, já está em curso e espera-se que dela façam parte as universidades: virar o jogo do futuro pondo no mesmo campo ação educativa, ação política e ação cultural.



Fotos por: Bruna Fraga



Novos caminhos: quando a criatividade encontra o recurso para virar o jogo

Denise Pagnussatt¹

O AXIS Summit revelou-se um fenômeno de engajamento, com mais de mil inscritos e uma programação de 48 atividades que pulsaram a identidade cultural do país. A magnitude dessa adesão reflete uma demanda latente: a Indústria Criativa busca, urgentemente, espaços de escuta, conexão e, sobretudo, reconhecimento de seu valor econômico e social. A cultura vira o jogo através do potencial de pessoas que fortalecem o país.

Um dos momentos reflexivos do AXIS Summit ocorreu no painel dedicado aos “Projetos que Ganham Fomento”. É consenso que a combinação entre criatividade e inovação é a base para o desenvolvimento de novos negócios. Entretanto, quando o assunto é captação de recurso, financiamento e a valorização financeira dos projetos, o setor ainda encontra desafios estruturais significativos. Para aprofundar esse debate, contamos com a expertise de profissionais que atuam em diferentes frentes da cadeia de financiamento: Gabriela Munhoz, diretora de Programas e

¹ Denise Pagnussatt é professora da Famecos/PUCRS e coordenadora da Ponte Criativa na PUCRS.

Projetos Culturais do Banrisul Cultural, trouxe a perspectiva do investimento corporativo e a importância de alinhar propostas criativas aos objetivos de impacto social e cultural das grandes empresas. Rafael Balle, diretor do Departamento de Fomento da Secretaria de Estado da Cultura do RS (SEDAC RS), compartilhou a visão do setor público sobre os mecanismos de incentivo e editais, reforçando como as políticas de fomento são vitais para a descentralização e sustentabilidade da produção local. Eduardo Ayd, head de Expansão de Comunidade da APOIA.se, apresentou as novas lógicas de financiamento coletivo e a força das comunidades

no apoio direto a criadores, evidenciando que a sustentabilidade também passa por modelos alternativos e recorrentes de fomento.

A valorização financeira dos projetos criativos não é apenas uma questão de subsídio, mas de compreensão de mercado. É necessário alinhar estratégias para que o potencial das pessoas que fortalecem a identidade brasileira seja traduzido em sustentabilidade a longo prazo. O papel da universidade, neste contexto, é atuar como esse polo de referência que produz e transforma o conhecimento, oferecendo suporte metodológico para que as ideias atravessem a ponte e se tornem negócios viáveis e valorizados.



A participação da APOIA.se no AXIS Summit

APOIA.se¹



A participação da APOIA.se no AXIS Summit representa um marco importante na ampliação do debate sobre modelos de financiamento para a cultura no Rio Grande do Sul.

Antes de tudo, gostaríamos de agradecer à organização do evento pelo convite e pela construção de um espaço qualificado de diálogo entre diferentes agentes do ecossistema cultural, reunindo poder público, instituições privadas e sem fins lucrativos, iniciativas independentes e projetos criativos. O AXIS Summit se consolida como um ambiente essencial para pensar o presente e o futuro da economia criativa no estado.

Nesse contexto, a presença da APOIA.se contribuiu trazendo uma perspectiva complementar às já

1 A APOIA.se é uma plataforma que viabiliza a sustentabilidade financeira de fazeres criativos e causas através do Financiamento Coletivo.

existentes: o papel da comunidade como agente ativo na sustentação de projetos culturais.

Ao longo do evento, participamos de três frentes principais: o painel “Projetos que ganham fomento”, o Ateliê de Inovação e Criatividade nas Artes e um espaço de ativação dedicado ao diálogo direto com o público presente.

No painel, foi possível ampliar a compreensão de fomento para além de uma lógica pontual, destacando a importância de pensar a sustentabilidade dos projetos culturais como um processo contínuo. A partir dessa perspectiva, reforçamos que o financiamento coletivo não se coloca como substituto de políticas públicas ou de instrumentos institucionais, mas como uma camada complementar dentro de um ecossistema mais amplo.

A principal contribuição da APOIA.se foi trazer à discussão o entendimento de que muitos projetos já possuem, em sua base, um ativo fundamental: sua comunidade. Pessoas que acompanham, se identificam e desejam participar mais ativamente da continuidade daquele trabalho.

Quando essa relação é estruturada, abre-se a possibilidade de transformar audiência em apoiadores, criando uma fonte de sustentação que pode atuar tanto de forma pontual quanto recorrente. Esse movimento não apenas viabiliza financeiramente projetos, mas também fortalece vínculos e amplia o senso de pertencimento em torno da produção cultural.

No Ateliê de Inovação, aprofundamos essa abordagem de forma prática, apresentando caminhos possíveis para que artistas, coletivos e organizações culturais possam iniciar ou estruturar suas campanhas de financiamento coletivo. O espaço permitiu trocas diretas, escuta ativa

“Um dos aspectos mais relevantes dessa participação foi reforçar o papel do financiamento coletivo como instrumento de democratização da cultura.”

e a construção de novas perspectivas sobre como a comunidade pode integrar a estratégia de sustentabilidade de diferentes iniciativas.

Além disso, o estande da APOIA.se no evento funcionou como um ponto de encontro com o público, onde foi possível conversar individualmente com diversos projetos, entender seus contextos e apresentar possibilidades reais de aplicação do financiamento coletivo em suas jornadas.

Um dos aspectos mais relevantes dessa participação foi reforçar o papel do financiamento coletivo como instrumento de democratização da cultura. Ao permitir que a própria comunidade direcione recursos para os projetos que deseja ver existir e prosperar, amplia-se o acesso e diversificam-se as formas de viabilização cultural.

Esse modelo não substitui os mecanismos tradicionais de fomento, mas contribui para reduzir dependências exclusivas, criar continuidade entre ciclos



de financiamento e fortalecer a autonomia dos criadores.

Como desdobramento direto da participação no evento, realizamos, na semana seguinte ao AXIS Summit, uma mentoria coletiva com parte dos participantes que se conectaram com a APOIA.se durante a ativação. O encontro se configurou como uma roda de conversa aberta e aprofundada sobre a construção de campanhas de financiamento coletivo e suas aplicações práticas em projetos culturais.

Esse momento evidenciou, na prática, o propósito central do evento: não apenas promover encontros, mas gerar continuidade, troca e ação. A partir dessas conexões, foi possível avançar na construção de estratégias reais, aproximando criadores das possibilidades concretas de financiamento por meio de suas comunidades.

A presença da APOIA.se no AXIS Summit também marca um movimento importante de aproximação com o ecossistema cultural gaúcho, fortalecendo conexões locais e ampliando a visibilidade de novas possibilidades de financiamento para projetos da região.

Seguimos acreditando que a sustentabilidade da cultura se constrói de forma coletiva em suas diversas camadas, combinando políticas públicas, iniciativas institucionais e o engajamento direto das comunidades.

Agradecemos novamente à organização do AXIS Summit pelo espaço e pela oportunidade de contribuir com esse diálogo.

*Com carinho,
APOIA.se*



Vender-se ou vende-se?

Tiago Souza¹

Conhecer histórias de empreendedoras criativas culturais do estado.

Minha participação no AXIS Summit foi extremamente positiva. Considero valioso ter conhecido as histórias de empreendedoras criativas, como Fernanda Scherer e Thaini Menegazzo, e a professora e mediadora Francielle Falavigna, que hoje estão à frente de empreendimentos culturais e instituições no Rio Grande do Sul. Essas mulheres contribuem significativamente para além da fruição dos produtos artísticos e culturais em seus respectivos setores, mas também para o desenvolvimento e a formalização de seus próprios modelos de trabalho.

Pudemos perceber a necessidade de uma fundamentação política sólida – voltada, sobretudo, para a área de políticas públicas. Ponto crucial para que o setor cultural alcance desenvolvimento e perenidade, garantindo crescimento e permitindo que toda a cadeia produtiva funcione de forma mais integrada e eficiente. Uma estrutura mais “redonda”, por assim dizer, evitaria a constante fuga de capital e energia, abrindo caminho para novas possibilidades financeiras.

¹ Tiago Souza é consultor em Negócios Criativos e fundador da @tudoegestao.

Apresentação do tema: “Vender-se ou Vende-se”

Procurei alinhar a apresentação do meu tema à perspectiva geral, propondo uma ideia que era, acima de tudo, um questionamento. Para abordar o tema de negócios de forma efetiva, entendi que seria necessário propor um exercício de reflexão, com a questão central: o que estamos fazendo no setor cultural e artístico – estamos querendo *vender-se* ou procurando *vender o nosso trabalho*?

Essa dicotomia é crucial. De um lado, temos o “vender-se” – o artista que se vende a qualquer preço, que faz o que for necessário para alcançar um sucesso dito superficial. Do outro, está o “vende-se” – o profissional que se dedica a fazer o que é necessário para que seu trabalho seja bem vendido, alcance uma boa remuneração e chegue cada vez mais longe. No meu ver, essa é uma das primeiras dicotomias que o setor artístico intitulado independente do Rio Grande do Sul deve atentar para, só então, conseguir falar de negócios e dinheiro. É fundamental compreender que muitas das dinâmicas do mercado estão dadas por esse lugar de fazer adaptações, não para se vender, mas para garantir o crescimento, a valorização, a conquista e expansão de espaços que, em última análise, fortalecerão a carreira artística.



O anseio do público pela fórmula pronta

A busca por uma projeção – e, por vezes, a expectativa de uma resposta imediata – foi um ponto que constatei como central na discussão do evento. Durante a sessão de perguntas e respostas com os *speakers* após as apresentações, ficou evidente o anseio do público por uma “fórmula pronta”. As pessoas buscavam um roteiro exato para fazer o seu trabalho ou projeto acontecer, uma espécie de atalho para o sucesso. Embora não tenhamos conseguido entregar essa resposta simplificada, o que levamos para casa foram questionamentos valiosos. Instigamos reflexões que, talvez, pudessem ser o caminho mais produtivo do que a mera repetição de um modelo pré-estabelecido.



Workroom: a arte de empreender

Rodrigo Krás Borges¹

Recebi com grande satisfação o convite para participar do **AXIS** – Summit de Inovação Sustentável nas Artes, em Porto Alegre, integrando o painel “A Arte de Empreender”. O evento reuniu agentes da cultura, governo, universidades e instituições, criando um ambiente qualificado para refletir sobre inovação no setor artístico. Compartilhar minha trajetória à frente da Workroom nesse contexto foi uma experiência especialmente significativa.

Dividi a mesa com Fábio Vieira e Andréa Franco, sob mediação do fotógrafo Raul Krebs. O encontro proporcionou uma troca rica sobre diferentes modelos de negócio no campo das artes e suas estratégias de sustentabilidade.

Ao abordar inovação, apresentei a trajetória da Workroom, reconhecida como o primeiro drag bar do sul do Brasil. O projeto nasceu a partir da observação do crescimento da cena drag impulsionada pelo reality show norte-americano *RuPaul’s Drag Race*, somado à ausência de ambientes mais intimistas, aconchegantes, onde as artistas drags pudessem ser o centro das atenções e ter uma renda fixa garantida. Inaugurada em 2017, no bairro

1 Rodrigo Krás Borges é produtor cultural e fundador da Workroom.

Cidade Baixa, a Workroom consolidou-se como um espaço cultural e de acolhimento LGBTI+ que combinava curadoria artística, programação contínua e valorização direta das artistas, tendo o couvert integralmente destinado às drags.

Durante sua trajetória, a casa desenvolveu iniciativas inovadoras, especialmente no período da pandemia, como o Draglivery, serviço de entregas performáticas com drag queens, e o primeiro *Festival POA in Drag*, que reuniu dezenas de artistas e promoveu formação por meio de oficinas. Também se destacou pela diversidade de atividades, incluindo noites de *lipsync* aberto, transmissões ao vivo, eventos privados e ações comunitárias, além de parcerias com espaços culturais da cidade.

Em 2024, após a enchente, a Workroom passou a operar no Cine Theatro Ypiranga, ampliando sua capacidade e atuação como casa de espetáculos e de festas. E também pela necessidade constante do negócio se reinventar conforme cada época, em outubro de 2025, encerrou suas atividades no espaço físico, mantendo-se ativa como produtora cultural e apoiadora da cena drag local.

A participação no AXIS foi uma oportunidade de evidenciar como iniciativas independentes podem articular cultura, inovação e impacto social, especialmente na promoção de espaços seguros, inclusivos e economicamente sustentáveis para artistas. Na torcida por próximas edições, o evento é incrível!





Turismo de experiência no vinho

Aurora Carneiro Zen²

O vinho nunca foi apenas uma bebida. Ele é um engarrafamento de tempo, clima, solo, cultura e, acima de tudo, de trabalho humano. Hoje, vamos explorar como essa percepção tem transformado regiões inteiras, guiando-nos por uma jornada que vai da terra à tecnologia, da tradição à liderança feminina.

O Enoturismo como estratégia de desenvolvimento regional

Historicamente, o sucesso de uma vinícola era medido quase que exclusivamente pelo volume de garrafas vendidas e pela pontuação de seus vinhos em revistas especializadas. No entanto, estamos observando uma profunda mudança de paradigma. O enoturismo como estratégia de desenvolvimento regional tornou-se uma força motriz para economias locais.

² Aurora Carneiro Zen é professora da Escola de Administração da UFRGS e pesquisadora do setor vitivinícola.

Testemunhamos uma clara transição do produto para a experiência, onde precisamos explicar como as vinícolas deixaram de focar apenas na venda da garrafa para vender “vivência”. O turista contemporâneo não quer apenas comprar um vinho; ele deseja consumir o *terroir*, a história e a cultura local que deram origem àquela bebida. Ele quer caminhar pelos vinhedos, entender o processo de poda, ouvir as histórias das famílias fundadoras e conectar-se emocionalmente com o lugar.

Essa mudança de foco tem um imenso impacto econômico e social. É fascinante observar como o

turismo do vinho movimentou a cadeia produtiva local de maneira sistêmica. Quando uma região abraça o enoturismo, ela não está apenas vendendo mais vinho na porta da adega. Ela está gerando empregos na hotelaria, fomentando a gastronomia e impulsionando o comércio local. Mais importante ainda: essa engrenagem econômica atua fixando o jovem no campo, oferecendo oportunidades de carreira modernas e rentáveis fora dos grandes centros urbanos, e valorizando a identidade da região. O orgulho local é restaurado, e o patrimônio cultural é preservado através da viabilidade econômica.

Inovação e cooperação

Para que esse desenvolvimento regional seja sustentável e escalável, é imperativo falar sobre inovação e cooperação. O setor vitivinícola, muitas vezes apegado a tradições seculares, está descobrindo que a verdadeira força reside na coletividade.

A força da cooperação é indiscutível. Devemos abordar como a formação de *clusters* e redes de cooperação fortalece o destino turístico. Isso é algo que observamos na

Serra Gaúcha e em modelos internacionais bem-sucedidos. Quando pensamos em uma viagem focada em vinhos, o turista não cruza o país ou o oceano para visitar uma única propriedade. Ele visita uma região. Portanto, as vinícolas não competem apenas entre si, mas colaboram para atrair o turista para a região. Uma vinícola com um excelente restaurante complementa outra que oferece passeios de balão, que por sua vez se beneficia

da pousada boutique vizinha. É um ecossistema onde o sucesso de um eleva o de todos.

Contudo, cooperar exige organização e visão de futuro, o que nos leva à gestão da inovação. É crucial exemplificar como a inovação não está apenas na tecnologia

de vinificação – como novos tanques de aço inoxidável ou técnicas de fermentação –, mas na gestão da experiência turística. A inovação manifesta-se em novos modelos de negócios e na integração de serviços que tornam a jornada do visitante fluida e inesquecível.

Perspectivas internacionais e modelos comparados

Ao desenhar o futuro, é sempre importante olhar para os caminhos já trilhados. As perspectivas internacionais e modelos comparados nos oferecem um mapa valioso. Podemos fazer um paralelo entre o que está sendo desenvolvido no Brasil e as práticas consolidadas no Velho Mundo. Pensemos nas rotas de Bordeaux na França, que transformaram *châteaux* seculares em potências turísticas de luxo, ou nas regiões produtoras da Espanha ou da Itália, que integram magistralmente o vinho à sua riquíssima herança gastronômica e arquitetônica. O Velho Mundo nos ensina sobre a paciência da construção de marca de longo prazo e sobre o respeito intransigente ao patrimônio.

No entanto, ao explorar experiências internacionais, devemos ter a clareza de que o sucesso vem adaptando as estratégias de enoturismo à realidade e à cultura do nosso próprio *terroir*. Importar um modelo europeu e tentar encaixá-lo à força em uma região brasileira ou sul-americana, ignorando as peculiaridades sociais, climáticas e culturais locais, é uma receita para a inautenticidade. O turista busca o que é genuíno. Nosso *terroir* é único não apenas pelo solo, mas pelo nosso povo, nossa música e nossa culinária.

“O setor vitivinícola, muitas vezes apegado a tradições seculares, está descobrindo que a verdadeira força reside na coletividade.”

Transformação digital e o futuro do enoturismo

A autenticidade da experiência, porém, não exclui o uso de novas tecnologias. Pelo contrário, a transformação digital e o futuro do enoturismo andam de mãos dadas. O setor precisa abraçar o século XXI para atender a um consumidor cada vez mais conectado.

A tecnologia na experiência do visitante já é uma realidade transformadora. O uso de dados, realidade aumentada, sistemas de CRM (Gestão de Relacionamento com o Cliente) e plataformas digitais estão ajudando as vinícolas a personalizar a experiência do turista. E essa personalização ocorre de forma integral: antes, durante e depois da visita. Imagine um visitante que, ao agendar sua degustação por um aplicativo, já indica suas preferências. Ao chegar, é recebido com uma seleção sob medida, pode usar realidade aumentada em seu smartphone para visualizar o desenvolvimento das videiras em diferentes estações do ano e, após voltar para casa, recebe recomendações personalizadas de compra baseadas exatamente no que mais gostou durante a visita. A tecnologia não substitui o calor humano da hospitalidade; ela o potencializa.



Nesse contexto de novas tecnologias, também precisamos falar sobre sustentabilidade. O turista moderno exige responsabilidade. Não basta mais que o vinho seja bom; ele precisa ser ético. O futuro do enoturismo passa obrigatoriamente por práticas sustentáveis do manejo do solo à venda dos produtos e serviços, tais como a adoção de energias renováveis, promoção da biodiversidade, relações de trabalho dignas e governança transparente. Essas práticas estão garantindo a sobrevivência das vinícolas e relevância em um mercado cada vez mais exigente.

O protagonismo e a liderança feminina no vinho

Por fim, não podemos falar de futuro, inovação e sustentabilidade sem destacar uma das transformações mais profundas e bem-vindas do setor: o protagonismo e a liderança feminina no vinho.

Vivemos uma inegável mudança de paradigma. É necessário destacar a crescente e fundamental presença das mulheres no setor. As mulheres



sempre estiveram presentes na história do vinho, muitas vezes nos bastidores, trabalhando arduamente nas colheitas. Hoje, o cenário é diferente. Elas não representam apenas um perfil de consumo exigente e crescente, mas ocupam com excelência cargos de liderança. Estamos vendo brilhantes enólogas, sommelières, gestoras de vinícolas e líderes de projetos de enoturismo moldando o mercado.

Essa presença traz consigo inovação e uma perspectiva diferente nos negócios do vinho. Em pesquisas recentes, identificamos que a visão feminina tem trazido novas abordagens para a hospitalidade, a sustentabilidade e a comunicação no turismo do vinho. A sensibilidade para a criação de experiências mais inclusivas, detalhistas e acolhedoras está rompendo tradições históricas de um setor majoritariamente masculino. Lideranças femininas têm se mostrado frequentemente pioneiras na adoção de práticas orgânicas, biodinâmicas e na criação de ambientes de trabalho mais equitativos. O vinho, que é uma celebração da vida, torna-se muito mais rico quando todas as vozes participam da sua criação e difusão.

Por fim, a cultura do vinho é viva. Ela se adapta, evolui e continua a conectar seres humanos através das gerações. Que as regiões produtoras saibam brindar a esse futuro com inovação, responsabilidade e muita cooperação.



Inclusão digital e (tecno)cultura na era dos dados

Marcio Pizarro Noronha³

A inclusão digital deixou de ser apenas uma questão de acesso a dispositivos e conexão: trata-se, cada vez mais, de um direito cultural. Quando o acesso é negado ou limitado, produz-se não só exclusão tecnológica, mas também desigualdade cultural. Nesse cenário, discutir inclusão digital implica reconhecer que tecnologia, comunicação e cultura passaram a formar um mesmo ecossistema, com impactos diretos na vida social, na produção simbólica e na democracia. Nesse ecossistema, a dimensão política da tecnologia se explicita como uma tecnopolítica. A circularidade da cultura em meios digitais é atravessada por critérios de acessibilidade e por formas de impulsionamento algorítmico, que modulam o alcance de conteúdos e influenciam quais repertórios culturais ganham centralidade.

Ao mesmo tempo, as plataformas digitais funcionam como palcos de cultura, por meio de cultura participativa e autoria distribuída. Entretanto, essa ampliação convive com disputas de infraestrutura, fomento e políticas

3 Márcio Pizarro Noronha é professor da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da UFRGS.

públicas: a democratização cultural digital demanda ações de Estado, mas também estar atenta à lógica do mercado. Além disso, a cultura não se reduz ao consumo de conteúdos: envolve produção simbólica e disputas sobre o que se entende por símbolo no mundo global. Quando a criação artística se encontra com a inteligência artificial, emergem novas questões estéticas (uma tecnoestética) e novas formas de tecnocultura. Há, por um lado, potência criativa e expansão de linguagens; por outro, cresce um movimento de tratamento da cultura como banco de dados, em que comportamentos são modelados, previstos e convertidos em valor econômico. A centralidade de modelos de previsão e a engenharia de dados alimentam um mercado que busca respostas mais eficazes, velozes e repetíveis, tornando tendências e sazonalidades matéria-prima para decisões e faturamento.

Esse deslocamento exige atenção crítica: quando a cultura vira apenas variável quantificável, perde-se de vista sua dimensão

metafísica e ontológica — isto é, sua capacidade de produzir sentido, experiência e mundo. Por isso, a inclusão digital precisa ser pensada como política de acesso e, simultaneamente, como projeto de formação. Letramento digital, criticidade e educação mediada por tecnologia são condições para que indivíduos e grupos não apenas usem ferramentas, mas compreendam seus funcionamentos, interesses e efeitos. Em um mundo “deep tech”, no qual ciência de dados,

engenharia de software e inteligência artificial reconfiguram o trabalho e podem produzir tanto um retorno a uma cultura da manualidade e da vida prática quanto nos níveis mais altos da hiper qualificação promover desalocação (logística, de ges-

tão e de eliminação de conteúdos) para formações acadêmicas sofisticadas do ponto de vista discursivo. A era da discursividade tradicional apresenta sinais de declínio. O novo perfil argumentativo deve envolver mais lógica e modelos baseados em evidências, um desafio para as artes.

“Discutir inclusão digital implica reconhecer que tecnologia, comunicação e cultura passaram a formar um mesmo ecossistema, com impactos diretos na vida social, na produção simbólica e na democracia.”



Cultura e inclusão digital

Tracy Freitas⁴

Minha participação no painel “Cultura e Inclusão Digital” foi orientada por uma reflexão crítica sobre a relação entre tecnologia, cultura e desigualdade social no contexto da sociedade contemporânea. A fala partiu do entendimento de que a inclusão digital deve ser compreendida como um direito cultural, uma vez que os ambientes digitais tornaram-se espaços centrais de produção simbólica, circulação de conteúdos e participação social. Nesse sentido, a exclusão digital pode ser interpretada como uma nova forma de desigualdade cultural, pois limita o acesso de determinados grupos à produção e ao consumo de bens culturais mediados pelas tecnologias.

A partir dessa perspectiva, destaquei que a cultura digital não se restringe ao uso de ferramentas tecnológicas, mas configura um ambiente de criação e compartilhamento de narrativas coletivas. A internet, nesse cenário, funciona como um espaço ampliado de circulação cultural, no qual diferentes sujeitos podem produzir, remixar e difundir conteúdos. Essa dinâmica possibilita o fortalecimento de expressões culturais diversas, ampliando a visibilidade de grupos historicamente marginalizados no

4 Tracy Freitas é Assessora de Empreendedorismo da Secretaria de Inclusão Digital e Apoio às Políticas de Equidade do Rio Grande do Sul.

campo cultural.

Outro eixo abordado foi o papel das tecnologias digitais na ampliação de vozes culturais. As redes sociais e plataformas digitais têm possibilitado o surgimento de novas formas de produção cultural periférica, fortalecendo práticas de cultura participativa e de autoria distribuída. Esses ambientes digitais funcionam como novos palcos culturais, nos quais artistas, coletivos e produtores independentes podem apresentar suas produções e estabelecer diálogo direto com diferentes públicos, contribuindo para processos mais horizontais de criação e circulação cultural.

No painel, também discuti a relação entre inteligência artificial e criação artística. Argumentei que a IA pode ser compreendida como uma ferramenta de experimentação criativa, capaz de ampliar possibilidades estéticas em áreas como música, artes visuais e produção textual. Entretanto, ressalttei a importância de um olhar crítico sobre essas tecnologias, considerando que sistemas algorítmicos podem reproduzir desigualdades presentes nos dados que os alimentam. Dessa forma, o debate sobre IA na cultura precisa incorporar discussões sobre ética, diversidade e responsabilidade no desenvolvimento e uso dessas ferramentas.

Outro ponto enfatizado foi a dimensão da acessibilidade na cultura digital. A inclusão digital não se limita ao acesso à internet, mas envolve também a construção de ambientes tecnológicos acessíveis. Recursos como áudio-descrição, legendas automáticas, tradução automática e diferentes tecnologias assistivas ampliam as possibilidades de participação cultural



de pessoas com deficiência ou com diferentes necessidades de acesso. Museus, exposições e espaços culturais que incorporam essas tecnologias contribuem para uma democratização mais efetiva do acesso à cultura.

Por fim, destaquei a importância da formação cultural para o uso crítico das tecnologias e da construção de políticas públicas voltadas à democratização da cultura digital. A alfabetização digital crítica, associada à formação de artistas, educadores e produtores culturais para o uso das tecnologias, torna-se fundamental para ampliar as possibilidades criativas e sociais desses recursos. Como síntese da reflexão apresentada, propus compreender a inclusão digital na cultura a partir de três dimensões interdependentes: acesso, relacionado à infraestrutura e conectividade; capacitação, vinculada ao desenvolvimento de competências digitais e culturais; e criação, que envolve o uso das tecnologias para produção artística e expressão cultural.





Cultura, acessibilidade e protagonismo: a experiência do Pertence

Bianca Bueno¹

Participar como *speaker* da mesa *Acessibilidade e Inclusão em Cena* foi uma experiência profundamente significativa para mim, tanto no âmbito profissional quanto pessoal. Falar sobre essa pauta é, antes de tudo, reafirmar um compromisso com a construção de uma sociedade mais justa, diversa e verdadeiramente inclusiva.

Sou Bianca Bueno, formada em Educação Física, e atuo com dança há cerca de 14 anos. Ao longo da minha trajetória, encontrei na arte um campo potente de transformação — e foi a partir do meu encontro com o Pertence que essa potência ganhou ainda mais sentido e direção.

O Pertence é uma organização que, há mais de 14 anos, atua na transformação da vida de pessoas com deficiência, especialmente no campo das relações sociais, autonomia e inclusão. Sua origem está no olhar sensível

¹ Bianca Bueno é bailarina, coreógrafa e cofundadora do projeto Fábrica de Sonhos – Arte, Inclusão, Diversidade e Pertencimento.

de uma educadora que percebeu o isolamento social vivido por seus alunos com deficiências e decidiu criar espaços de encontro, convivência e pertencimento. Com o tempo, essas inicia-

tivas cresceram, se estruturaram e hoje se desdobram em diversos projetos — entre eles, uma frente cultural extremamente potente.

A partir dessa frente, do meu encontro com a atriz e diretora Paula Carvalho, através do Pertence, foi criada a Fábrica de Sonhos, grupo de teatro e dança que nasce da ausência de espaços de formação em artes cênicas para pessoas com deficiência em Porto Alegre. Mais do que uma lacuna estrutural, essa ausência revelava uma invisibilidade histórica: não era falta de desejo ou de talento, mas de oportunidade.

Desde então, a Fábrica construiu uma trajetória marcante. Em 2018, nasceu o espetáculo *Todo Mundo Tem um Sonho*, com direção da Paula e coreografias minhas, colocando 77 pessoas com deficiências no palco. Em 2019 ganhamos o prêmio Panvel de destaque, por esse trabalho, e apresentamos

“Falar sobre essa pauta é, antes de tudo, reafirmar um compromisso com a construção de uma sociedade mais justa, diversa e verdadeiramente inclusiva.”

no Theatro São Pedro, na programação do Porto Alegre em Cena, desta vez, com mais de 100 pessoas com deficiências no elenco, e de novo, com a casa lotada!

Isso foi um marco para a cidade de Porto Alegre, enfim, para o estado do RS, e culminou na implementação do Dia do Teatro Acessível no calendário oficial da nossa cidade, trazendo mais um foco de atenção para pauta, pensando a PCD no lugar de protagonismo de cena e não somente de expectador. Em 2021 estreou o documentário *Todo Mundo Tem um Sonho*, que conta a experiência e a metodologia do grupo através de imagens exclusivas das apresentações e bastidores do espetáculo.²

Nos anos seguintes, o grupo ampliou seu alcance, e ocupou importantes espaços culturais, sempre promovendo alguma forma de transformação, proporcionando maior conscientização sobre a necessidade urgente da acessibilidade.

Mais recentemente, o espetáculo *CORPOMUNDO* reafirma esse

2 É possível assisti-lo no nosso canal, Pertence Cultura, no Youtube: <https://youtu.be/yFXdplNhXX8>.

percurso ao propor uma cena construída por artistas com e sem deficiência, ampliando o diálogo e tensionando as estruturas tradicionais da produção cultural. Esse trabalho, reconhecido por sua qualidade artística, é fruto de uma pesquisa contínua que atravessa corpo, linguagem e convivência. O espetáculo fez parte da programação do Palco Giratório 2025, e recebeu o prêmio Açorianos de dança, com destaque pela qualidade artística.

Para além dos espetáculos, o trabalho também se sustenta em um projeto pedagógico sólido, com metodologia própria e equipe multiprofissional. São oferecidas oficinas, workshops e ações formativas que impactam não apenas os participantes diretos, mas também educadores, artistas e agentes culturais interessados em construir práticas mais inclusivas.

Ao longo da minha atuação nesse contexto, percebo o quanto o contato com a diversidade transforma profundamente nossas formas de ensinar, aprender, comunicar e criar. Trabalhar com pessoas com deficiência, especialmente no campo da dança, expandiu minha percepção de corpo, movimento e expressão. Tornou meu trabalho mais sensível, mais atento e mais conectado com a realidade do mundo.

A inclusão, muitas vezes entendida apenas como um direito — e de fato é —, também se revela como uma grande oportunidade coletiva. Uma oportunidade de aprendizado, de inovação, de ampliação de repertórios e de fortalecimento da própria cadeia produtiva da cultura.

A arte tem um papel fundamental nesse processo. Ela não apenas comunica, mas também desloca, provoca e transforma. Ao possibilitar o protagonismo de pessoas com deficiência nos palcos, ampliamos as narrativas possíveis e contribuímos para que mais pessoas se reconheçam, se vejam e se sintam parte.

Acredito profundamente que conviver com a diversidade é conviver com o mundo real. E, nesse sentido, a cultura acessível não é uma pauta paralela — é central para qualquer projeto de sociedade que se pretenda democrático.

Seguimos, portanto, comprometidos com essa construção: criando espaços, compartilhando metodologias e fortalecendo redes que tornem a arte cada vez mais acessível, plural e transformadora.



Influenciando hábitos culturais

Karen Sica²

Tive a oportunidade de participar como mediadora do painel “Influenciando Hábitos Culturais” no AXIS Summit, um espaço de debate que possibilitou a problematização do papel das redes sociais na configuração das práticas culturais contemporâneas. A discussão partiu do entendimento de que a cultura é um fenômeno dinâmico e socialmente construído, sendo constantemente atravessado por processos de mediação, circulação e ressignificação.

Sob essa perspectiva, os hábitos culturais podem ser compreendidos como práticas socialmente estruturadas, relacionadas ao conceito de capital cultural, na medida em que envolvem repertórios, preferências e formas de consumo que são construídos ao longo das trajetórias individuais e coletivas. Nesse contexto, as redes sociais assumem um papel central enquanto dispositivos de mediação cultural, atuando como espaços de produção, difusão e legitimação de conteúdos simbólicos.

Durante o painel, discutiu-se como as narrativas digitais operam na formação de sentidos e na orientação de práticas culturais. A lógica algorítmica das plataformas, associada à economia da atenção, influencia a visibilidade de determinados conteúdos, contribuindo para a construção de tendências e para a hierarquização de manifestações

2 Karen Sica é professora da Famecos - PUCRS e consultora de mídias sociais.

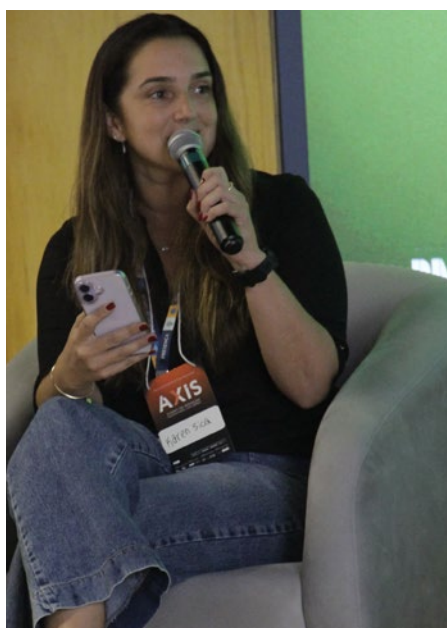
culturais. Esse processo evidencia que o acesso à cultura, embora ampliado, não se dá de forma neutra, sendo atravessado por dinâmicas de poder, visibilidade e engajamento.

Outro eixo central da discussão foi a curadoria de conteúdo, entendida como uma prática de mediação que ganha relevância em um cenário de sobrecarga informacional. A curadoria, nesse sentido, não se limita à seleção de conteúdos, mas envolve processos de interpretação, contextualização e atribuição de valor. Ao indicar e compartilhar determinados conteúdos, os agentes envolvidos — influenciadores, instituições e produtores culturais — participam ativamente da construção de repertórios e da orientação dos consumos culturais, desempenhando um papel formativo.

Além disso, abordou-se o potencial das redes sociais como instrumentos de democratização cultural, na medida em que possibilitam maior acesso a diferentes expressões e ampliam a participação de sujeitos historicamente marginalizados nos circuitos culturais. No entanto, essa democratização deve ser analisada de forma crítica, considerando as de-

sigualdades de acesso, às lógicas de mercado e os mecanismos de visibilidade que atravessam essas plataformas.

A experiência de mediação do painel evidenciou, portanto, a complexidade dos processos comunicacionais no ambiente digital e a necessidade de uma atuação ética e crítica. Compreender as redes sociais como espaços de mediação cultural implica reconhecer seu papel na formação de hábitos, na construção de sentidos e na produção de cultura na contemporaneidade, bem como refletir sobre as responsabilidades envolvidas nesse processo.





Qual é a Boa?

Comunicação digital que move a cultura

Rita Santos³

Minha participação no painel “Influenciando Hábitos Culturais” partiu de uma vivência prática dentro da cultura e da comunicação digital. Mais do que uma fala técnica, levei uma reflexão construída a partir da minha trajetória (vivência), como influenciadora, produtora, agitadora cultural e apresentadora de programa em Porto Alegre. Ao pensar sobre como nascem os hábitos culturais, destaquei três elementos fundamentais: acesso, referência e convite. Historicamente, esses hábitos foram formados por espaços como família, escola e mídia tradicional. No entanto, hoje as redes sociais assumem um papel central nesse processo, atuando como um novo território de descoberta cultural.

Nesse contexto, apresentei o surgimento da página “Qual é a Boa Rita”, que surge no período pós-pandemia (flexibilização após a 1ª dose da vacina), a partir da necessidade de reconectar as pessoas com a vida cultural da cidade. A iniciativa surge como uma ponte entre quem produz cultura e quem deseja consumi-la, utilizando as redes sociais para ampliar o alcance de eventos, artistas

3 Rita Santos é comunicadora, Produtora Cultural e fundadora do Bloco das Pretas e do @qualeaboarita.

e movimentos culturais negros locais. A experiência prática mostrou que muitas pessoas têm interesse em viver a cultura, mas não acessam por falta de informação, evidenciando o papel estratégico da comunicação.

Também compartilhei a construção do Bloco das Pretas, um movimento cultural criado a partir da ausência de protagonismo de mulheres negras nos blocos de carnaval. O projeto nasce como resposta a essa lacuna, inspirado por referências de blocos da Bahia (Bloco Didá e Ilê Aiyê), e se

consolida não apenas como um espaço artístico, mas também político e de fortalecimento identitário.

Outro ponto central da minha fala foi a compreensão de que a comunicação cultural não se limita à divulgação. Ela também pode ser ferramenta de conscientização social. Como exemplo, citei ações realizadas nas redes do Bloco das Pretas, como campanhas sobre feminicídio, reforçando que cultura, visibilidade e comunicação estão diretamente ligadas a questões de vida, dignidade e direitos.

Por fim, trouxe a importância de pensar a comunicação como estratégia. Minha formação em



“Cultura, visibilidade e comunicação estão diretamente ligadas a questões de vida, dignidade e direitos.”

andamento em Relações Públicas dialoga diretamente com essa visão, entendendo narrativa, público e impacto como ele-

mentos fundamentais na construção de movimentos culturais. Influenciar hábitos culturais, nesse sentido, vai além do alcance: trata-se de criar conexões, gerar pertencimento e ampliar quem tem acesso e protagonismo na cultura. Participar do AXIS foi uma oportunidade de reafirmar a comunicação como ferramenta de transformação social e de destacar que, ao ampliar as vozes e narrativas, ampliamos também as possibilidades de futuro para a cultura.



Um manifesto contra o etarismo na cultura

Alice Urbim¹

Aos 72 anos, depois de 50 anos dedicados ao audiovisual brasileiro, desde a era da televisão em preto e branco, enfrento a passagem do tempo a partir de uma pergunta: o que faço com a minha segunda curva de vida? Minha carreira em escadinha – de assistente de produção a executiva de entretenimento e programação, com formação em Jornalismo na Famecos/PUCRS, onde também fui professora de televisão – foi marcada por estabilidade formal desde os 17 anos .

Essa primeira curva, prolongada e bem-sucedida, me levou a encarar a necessidade de um salto: repensar o tempo diante da revolução da longevidade no Brasil. As projeções do IBGE indicam que, por volta de 2050, a expectativa de vida chegará a cerca de 84 anos para mulheres e 78,6 anos para homens, num cenário em que seis gerações convivem simultaneamente em sociedade, no mercado de trabalho e na produção cultural.

A partir desse olhar, as gerações deixam de ser apenas recortes etários e passam a configurar um verdadeiro ecos-

1 Alice Urbim é comunicadora e Diretora da Associação de Amigos do Theatro São Pedro.

sistema intergeracional. Os *baby boomers*, que em 2050 estarão entre 86 e 104 anos, sustentam a chamada economia prateada, e continuam influentes para mídias e marcas. A Geração X, ponte entre o analógico e o digital, carrega a fita cassete e o streaming, a carta e o e-mail, a TV aberta e a internet. Os *millennials* (Geração Y) se tornam a população economicamente ativa mais madura, tendo crescido com a internet e as redes sociais e trazendo a diversidade – de gênero, raça, orientação sexual e estilos de vida – ao centro da pauta cultural. Já a Geração Z, nativa digital, consome e produz cultura em ambientes como TikTok, reels e Instagram, recusando-se a apenas consumir: quer criar, remixar e arbitrar o que vale culturalmente. A Geração Alpha nasce imersa em telas, *games*, *streaming* e inteligência artificial, enquanto a Geração Beta, que che-

ga a partir de 2025, crescerá em um mundo de IA, realidade aumentada, metaverso e conectividade. Esperamos que essas gerações mais jovens usem tecnologia não apenas para entretenimento, mas para inovação colaborativa, enfrentando problemas como clima e desigualdade e reinventando as formas de criação, jogo e comunidade. No Brasil, será um envelhecimento populacional acelerado, com uma proporção crescente de pessoas idosas e uma base da pirâmide etária mais estreita em função da baixa fecundidade. Em poucas décadas, o Brasil terá 30% de sua população com idade acima de 60 anos, o que impõe um desafio estrutural: ou aprendemos a organizar convivências intergeracionais e soluções hiperlocais para essa nova realidade, ou aprofundaremos exclusões. Foi a partir desse cenário que decidi me tornar uma defensora da



diversidade de gerações e pesquisar sobre um preconceito ainda pouco nomeado no setor cultural: o etarismo, a discriminação baseada na idade. No campo da cultura, ainda prevalece a fantasia de que inovação é sinônimo de juventude, como se talento, repertório e capacidade de criação tivessem prazo de validade. O setor cultural brasileiro precisa, com urgência, de um olhar estratégico para políticas afirmativas, letramento e gestão da diversidade etária. Sem medidas intergeracionais que promovam trocas reais entre gerações – conectando boomers, X, Y, Z, Alpha e Beta em projetos, programas e equipes – estaremos diante de uma catástrofe demográfica e simbólica: uma sociedade longeva que desperdiça a própria experiência acumulada.

Essa constatação é visível quando olhamos para o mercado de trabalho. Levantamentos recentes indicam que profissionais 50+ ainda representam parcela muito pequena das novas contratações em grandes empresas, o que revela um desperdício de capital humano maduro e aprofunda a sensação de descartabilidade entre trabalhadores experientes. Em vez de reconhecer a maturidade como diferencial competitivo, muitas organizações tratam o tempo de carreira como problema, não como ativo. No setor cultural, isso se traduz em equipes homogêneas em idade, narrativas centradas em juventudes idealizadas e baixa participação de pessoas maduras em posições estratégicas de criação, curadoria e decisão.

Foi nessa encruzilhada que encontrei, em Arthur Brooks, autor de “Cada vez mais forte”², uma metáfora para pensar o envelhecimento: as três portas da meia idade. A primeira porta é a da negação – o “pé na cova” simbólico de quem se recusa a envelhecer. A segunda é a da aceitação passiva – o “pé na pantufa” da aposentadoria entendida como inevitável declínio. A terceira porta, a que me interessa, é a do aprendizado contínuo, do desenvolvimento de novas habilidades e da reinvenção. Essa é a porta do “pé na porta”: recusar o prazo de validade

“O setor cultural brasileiro precisa, com urgência, de um olhar estratégico para políticas afirmativas, letramento e gestão da diversidade etária.”

2 Brooks, Arthur C. *From strength to strength: finding success, happiness, and deep purpose in the second half of life*. New York: Portfolio/Penguin, 2022.



imposto pelo etarismo e reivindicar protagonismo na segunda curva da vida.

No campo científico, encontrei em Raymond Cattell³ os alicerces conceituais para defender a intergeracionalidade como “tudo junto e misturado” de gerações. Cattell distingue a inteligência fluida – capacidade de raciocinar com rapidez e flexibilidade, que atinge o auge no início da vida adulta e declina a partir dos 30 ou 40 anos – da inteligência cristalizada, que corresponde à sabedoria, ao conhecimento acumulado e às habilidades construídas pela experiência. Essa inteligência cristalizada segue em desenvolvimento por toda a vida, sustentada por curiosidade, abertura ao novo e engajamento constante em aprendizagem.

A neurociência reforça essa visão ao demonstrar a neuroplasticidade, isto é, a capacidade do cérebro de criar novas conexões em resposta a novas experiências, ao estudo, ao convívio e à prática criativa. Mais recentemente, pesquisas de Gilles Gignac e Marcin Zajenkowski⁴ indicam que o pico do funcionamento humano, combinando cognição, traços de personalidade e inteligência emocional, ocorre entre os 55 e 60 anos – justamente na segunda curva da vida. Esses resultados desafiam a ideia de que o melhor já passou e sugerem que, em muitos aspectos, é nesse período que amadurecem as competências mais necessárias para decisões complexas e lideranças de impacto.

Se a ciência mostra que envelhecer não é sinônimo de declínio linear, mas de reorganização das capacidades, a gestão de pessoas precisa acompanhar essa evidência. A literatura sobre trabalho intergeracional e diversidade etária indica que equipes com amplitude de idades tendem a ser mais inovadoras e produtivas, justamente por combinarem repertórios distintos, experiências acumuladas e

3 Cattell, Raymond B. The measurement of adult intelligence. *Psychological Bulletin*, v. 60, n. 4, p. 153-179, 1963.

4 Gignac, Gilles E.; Zajenkowski, Marcin. The peak of human functioning: a centenarian perspective. *Personality and Individual Differences*, v. 167, 110223, 2020.

familiaridade com novas tecnologias. Estudos recentes citados em análises de negócios mostram que organizações com diversidade de idade apresentam ganhos relevantes em criatividade, resolução de problemas e desempenho, quando comparadas a equipes homogêneas.

No entanto, a diversidade mais discutida nas empresas ainda se concentra em raça, gênero, orientação sexual e pessoas com deficiência, o que é fundamental, mas insuficiente se a dimensão geracional permanece invisível. A inclusão de profissionais 50+ precisa ser compreendida como estratégia – não como concessão. Maturidade profissional não aparece em currículo; ela se constrói no tempo, a partir de erros, acertos, projetos e crises. Quando desvalorizamos os mais velhos, não desprezamos apenas a idade, mas a experiência, a ancestralidade e a sabedoria que se transmite entre gerações.

Este texto é, portanto, um manifesto contra o etarismo na cultura e nas organizações. Falo a partir do lugar de quem sobreviveu ao etarismo, hoje atuando como parecerista de projetos culturais, diretora de uma associação de amigos de um teatro histórico, mentora de lideranças e palestrante que narra a vida como ela é. Do ponto de vista das políticas culturais e da gestão de equipes, não estamos em um beco sem saída, mas em um beco com saída. Cabe a nós, profissionais que têm a cultura à flor da pele, construir equipes com diversidade etária, transformar a intergeracionalidade em vantagem competitiva e diferencial estratégico, e provar, na prática, que todas as idades são visíveis, criativas e necessárias. Reinventar-se sempre, criar novas versões de si mesmo e manter o “pé na porta” contra o prazo de validade é, hoje, um gesto político, estético e profundamente cultural.





Carne Digital: avatares dançantes como dispositivos de memória em dança

Mônica Fagundes Dantas¹

Nosso case apresentou o *Projeto Carne Digital*,² que conjuga pesquisa e extensão na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e que tem por objetivo produzir artefatos coreográficos e dispositivos de memória de danças utilizando tecnologias digitais. *Carne Digital: Arquivo Eva Schul* (2020) foi nosso primeiro produto. Em 2022, nossa proposta *Afro-Sul/Iara Deodoro & Ânima/Eva Schul: Crossing Borders and Interrogating Dance Geographies* foi selecionada no Edital *Building an international network for virtual dance collaboration – Goldsmiths, University of London*, para participar de uma residência artística utilizando *motion capture* (captura de movimento) e *live streamer* (transmissão ao vivo). Como contrapartida, fomos contempladas com dois equipamentos portáteis de *mocap* denominados *Perception Neuron 3*.

1 Mônica Fagundes Dantas é Professora Titular da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

2 Dantas, M. & Prokopp Oliveira, V. *Carne Digital: avatares dançantes como dispositivos de memória em dança*. Vídeo produzido para o AXIS – Summit de Inovação Sustentável das Artes, 2026. Disponível em: https://youtu.be/_5Bif4YUXzc?si=Z7qTm6EasA5TaCAz.



Produzimos duas coreografias para o ambiente digital – *Weaving Through the Space Mass*, de Eva Schul e *Alma Negra*, de Iara Deodoro, que foram transmitidas ao vivo no *Global Dance Collaboration in the Metaverse – Residence Showcase*, no *Being Human Festival*, sediado em Londres e transmitido ao vivo para o mundo. Desde 2023 nos dedicamos a criar Bibliotecas Digitais de Movimento utilizando mocap e modelização 3D de avatares. Em 2023 foi lançada a *Espiral: biblioteca digital de movimentos dançados*,³ dedicada à documentação da técnica de Eva Schul.⁴ Em 2024 desenvolvemos a *Biblioteca Digital de Movimentos Iara Deodoro/Afro-Sul*,⁵ com o fomento do Programa Funarte Retomada Dança 2023.

O impacto da proposta reside na possibilidade de documentar e difundir fundamentos de poéticas de dança de modo inovador, buscando procedimentos de criação de artefatos de memória que sejam estética e eticamente coerentes com as práticas de dança estudadas. Interessamos também desafiar discursos dominantes sobre corpo e tecnologias digitais, investigando se avatares dançantes podem ser considerados como um “campo de presença” e se são capazes de produzir processos de incorporação e excorporação de saberes, funcionando como ferramenta complementar ao ensino presencial da dança.

3 Dantas, M. et al. *Carne Digital: Arquivo Eva Schul*. Website, 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/carnedigital/>

4 Resende, F., Dantas, M. & Prokopp Oliveira, V. *Espiral: motion capturando danças para compor uma biblioteca digital de movimentos*. *Urdimento*, v. 2, n. 55, ago. 2025. Disponível em <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/27433>

5 Deodoro, I. & Dantas, M. *Biblioteca Digital de Movimentos Iara Deodoro/Afro-Sul*. Disponível em https://www.youtube.com/playlist?list=PLz_ms-rm95HTwldjplZI1O-6QPILP1iCo



Cartografia dos Palcos no AXIS Summit 2026

Silvia Abreu¹

Minha participação no **AXIS Summit 2026**, realizado nos dias 10 e 11 de março, na Famecos/PUCRS e no Tecnopuc, representou uma experiência significativa de inserção em um ambiente qualificado de debate sobre inovação, sustentabilidade e desenvolvimento na economia criativa. O evento reuniu agentes da cultura, da academia, do poder público e do setor de investimentos, consolidando-se como um espaço estratégico de articulação e pensamento contemporâneo. No dia 11 de março, fui convidada a apresentar o estudo de caso do projeto *Cartografia dos Palcos* na mesa “Cases que Viram o Jogo”. Compartilhar essa iniciativa, que vem sendo desenvolvida desde 2019 ao lado de uma equipe comprometida e diversa, para uma plateia especializada foi uma grande honra e, ao mesmo tempo, uma oportunidade concreta de ampliar o alcance e a compreensão pública sobre o projeto.

O *Cartografia dos Palcos* é uma iniciativa pioneira dedicada a mapear e compreender os equipamentos culturais do Rio Grande do Sul, com foco nas artes cênicas e

¹ Silvia Abreu é jornalista e produtora cultural, co-idealizadora e atual coordenadora do projeto *Cartografia dos Palcos*.

na música. Disponível gratuitamente online,² a plataforma reúne dados de 125 espaços culturais certificados, organizados a partir de tecnologia georreferenciada. A ferramenta permite ao público explorar teatros, centros culturais e casas de espetáculo por região, tipologia, capacidade, infraestrutura e modelo de gestão, contribuindo diretamente para o planejamento de circulação artística, incluindo a estruturação de turnês.

Além de um acervo fotográfico e audiovisual abrangente, o projeto disponibiliza informações técnicas e compartilha boas práticas, consolidando-se como um instrumento relevante tanto para gestores e produtores quanto para a formulação de políticas públicas. Entre os principais resultados já alcançados, destacam-se o desenvolvimento de recursos

“A apresentação no AXIS Summit possibilitou não apenas a difusão do projeto, mas também o diálogo com diferentes perspectivas sobre inovação aplicada à cultura”

tecnológicos como tours virtuais 3D 360° em importantes teatros de Porto Alegre — como o Teatro Simões Lopes Neto, o Teatro Oficina Olga Reverbél e o Teatro de Câmara Túlio Piva —, a criação de experiências imersivas que articulam arte, tecnologia e inteligência artificial, e o fortalecimento de uma rede de cooperação entre profissionais do setor.

A apresentação no AXIS Summit possibilitou não apenas a difusão do projeto, mas também o diálogo com diferentes perspectivas sobre inovação aplicada à cultura, reafirmando o papel estratégico de iniciativas que organizam, sistematizam e democratizam o acesso à informação. O encontro evidenciou o potencial da economia criativa como campo de desenvolvimento sustentável e reforçou a importância de ferramentas que conectem territórios, agentes e práticas.

Participar do evento, nesse contexto, significou não apenas compartilhar uma trajetória, mas também integrar um movimento mais amplo de reflexão e construção coletiva, no qual a cultura se afirma como eixo estruturante de desenvolvimento, inovação e transformação social.

2 Acesse em: www.cartografiadosplacos.com.br



Cultura que regenera: o Selo +VERDI e a revolução sustentável no setor criativo

Daiane Lippert Tavares

O setor cultural brasileiro vive um momento de **transição histórica** onde a arte assume o papel de protagonista na resposta aos desafios globais da Agenda 2030 da ONU. No centro dessa transformação, a GUDI atua como uma plataforma de inteligência e impacto para o setor criativo ao promover o Selo +VERDI. Esta iniciativa estratégica foi desenhada para reconhecer e impulsionar práticas culturais comprometidas com a sustentabilidade, a inclusão e a regeneração, fortalecendo o papel transformador da cultura na construção de um futuro mais justo e ambientalmente responsável. O selo funciona como um guia técnico e um sistema de auditoria que orienta produtores através de cinco eixos transversais, que englobam a gestão ambiental, inclusão social, mobilidade sustentável, educação e economia circular. Ao adotar essa metodologia, busca-se transformar a cultura em um vetor de educação climática e justiça social, validando a seriedade de cada iniciativa perante o público e o mercado por meio de relatórios de impacto detalhados.

Diferente de certificações estáticas, o programa propõe uma jornada de maturidade que permite que cada projeto evolua conforme suas capacidades técnicas e compromisso socioambiental. A porta de entrada é o nível Semente, que consiste em um diagnóstico inicial para identificar lacunas e criar um plano de metas personalizado. A partir daí, o proponente pode alcançar o nível Muda, ao implementar critérios como a separação básica de resíduos, reserva de vagas de liderança para mulheres e pessoas negras, e a proibição de plásticos de uso único. Para iniciativas com gestão mais consolidada, o nível Planta exige avanços como a logística reversa, compensação de parte das emissões de carbono e garantia de acessibilidade. O padrão máximo de excelência é atingido no nível Árvore, que demanda o desvio total de

resíduos de aterros, o uso de energia renovável e equidade de 50% em todos os níveis da equipe. No horizonte futuro, o nível Floresta representa o evento regenerativo completo,

combinando todos os critérios de excelência com a compensação total de carbono e o uso de estruturas geradoras de energia no local.

Para os organizadores, os benefícios de obter o compromisso +VERDI vão muito além do diferencial reputacional e da conexão ética com o público. A certificação



“Diferente de certificações estáticas, o programa propõe uma jornada de maturidade que permite que cada projeto evolua conforme suas capacidades técnicas e compromisso socioambiental.

oferece vantagens competitivas reais, como maior pontuação em editais públicos e privados que priorizam critérios ESG, além de proporcionar uma redução de custos operacionais através de uma gestão de recursos mais eficiente.

Ao consolidar o Selo +VERDI como um instrumento alinhado à Agenda 2030, a iniciativa visa criar uma rede nacional de impacto e conhecimento, transformando cada evento em um legado duradouro para os territórios onde ocorrem.





LEGADO

Epílogo: o amanhã começa agora

Thainan Rocha

Quando idealizamos as primeiras linhas do AXIS, sabíamos que estávamos propondo um movimento arrojado. Trazer o formato de um summit para o coração do setor cultural parecia, para muitos, um experimento ousado. Para nós, era uma urgência inegociável. Hoje, com este registro de memórias em mãos, a sensação não é de dever cumprido, mas de início. O impacto real do AXIS está apenas começando a ser visto.

Dois meses se passaram desde que ocupamos as arenas da Famecos e do Tecnopuc. Todavia, ainda chegam até mim novos relatos de iniciativas e conexões nascidas naquele espaço de encontro. São parcerias criativas que saíram do papel, projetos inovadores que ganharam tração e oportunidades que se multiplicaram a partir de conversas iniciadas nos nossos palcos, oficinas ou durante os nossos happy hours. O AXIS cumpriu sua física mais elementar: foi o eixo que gerou movimento.

Ver a cultura ocupar Porto Alegre dessa maneira — uma cidade que orgulhosamente hoje ostenta a alcunha de capital da inovação — reposiciona o nosso setor. Mostramos que a criatividade não orbita à margem da tecnologia, do desenvolvimento urbano ou da responsabilidade

climática; ela é o motor que humaniza e acelera essas transformações. Da Aliança pela Inovação ao nascimento prático do GUDI app e do Selo +VERDI, provamos que quando os recursos certos encontram a maturidade estratégica, o ecossistema cultural gaúcho é plenamente capaz de virar o jogo.

Ao concluir esta leitura, nosso desejo é que estas páginas não funcionem apenas como um arquivo do que passou, mas como um guia de navegação para o que virá. As reflexões sobre intergeracionalidade, tecnoestética, acessibilidade em cena e a reconstrução ecológica dos nossos territórios, entre tantas outras, são sementes vivas. Elas nos dão a esperança — pavimentada em dados, conexões e ações concretas — de que estamos construindo um amanhã muito mais resiliente.

O primeiro AXIS provou que o ecossistema cultural do Rio Grande do Sul não quer mais os velhos modelos. Nós descobrimos a força da nossa própria rede. E agora que esse eixo começou a girar, nada será capaz de pará-lo.

Obrigado por nos acompanhar até aqui.

O futuro nos espera.







AGRADECIMENTOS

A primeira semente do AXIS – Summit de Inovação Sustentável das Artes nasceu do desejo audacioso de redesenhar os horizontes da cultura no Rio Grande do Sul. O encontro superou todas as expectativas, reunindo mais de 1.000 inscritos e mais de 100 speakers, porque respondeu a uma necessidade urgente de resiliência, profissionalização e união do nosso ecossistema.

Este registro histórico e a própria viabilização do projeto só foram possíveis graças à Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura (PNAB), por meio do Edital Sedac nº 26/2024 – Artes Cênicas, com recursos do Pró-Cultura RS. O investimento do Ministério da Cultura – Governo Federal materializa o papel fundamental da política pública na descentralização do fomento, na garantia da sustentabilidade do setor e na valorização da nossa identidade ao lado do povo brasileiro.

Expressamos nossa imensa gratidão aos parceiros que abriram suas portas, arenas e mentes para acolher esta iniciativa inédita: a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, através da Escola de Comunicação, Artes e Design – Famecos/PUCRS, da Ponte Criativa

e do Tecnopuc. Agradecemos também o inestimável apoio institucional da Secretaria de Estado da Cultura do RS por meio do RS Criativo, e do South Summit Brazil. E a todos os artistas, gestores, pesquisadores e sonhadores que doaram sua inteligência e sensibilidade aos nossos 40 painéis.

Uma iniciativa plural, transversal e inovadora só se constrói a muitas mãos. O AXIS foi viabilizado pelo talento e pelo suor de uma equipe composta por mais de 40 profissionais contratados diretamente e centenas de trabalhadores indiretos, que transformaram as arenas do evento em um ambiente pulsante de cooperação. Esse esforço coletivo é a prova de que a cultura não apenas gera valor simbólico, mas move a economia e dinamiza territórios em momentos em que mais precisamos de soluções disruptivas.

Por fim, nosso obrigado a cada participante que preencheu os espaços e acreditou neste movimento. Este livro é a memória viva de uma semente que continuará a florescer e a gerar frutos para o futuro da cultura gaúcha.

Muito obrigado e até breve! 🌿

FICHA TÉCNICA

Idealização

GUDI

Direção Geral

Thainan Rocha

Direção de Comunicação e Curadoria

Leonardo Vitorino

Curadoria

Leonardo Vitorino

Thainan Rocha

Raul Krebs

Direção de Produção e Logística

Thaini Menegazzo

Coordenação de Produção

Rodrigo Marquez

Fernanda Tonezer

Produção Executiva

Odara Pimenta

Rafaela Zwierzynski

Produção de palco

Morgana Baldissera

Sil Maciel

Silvia Maciell

Monitores

AJeff Ghenes, Alexei Goldenberg, Ana Pessoto, Bianca Brum, Benji Baptista, Débora Spier, Emily Amaral, Joe Jonathan, Julia Kieling, Juliani Caroly, Laura Medeiros, Leandra Kruger, Lincoln Pereira, Marcelo Manique, Matheus Benites, Murilo Vitorino, Nicole Cattelan, Nina Braga, Vitória Greff e Vivian Azevedo

Coordenação Técnica: Ariel Medeiros

Coordenação Ambiental: Daiane Tavares

Consultoria de Acessibilidade

Priscila Jardim

Laércio Sant'Anna

Intérpretes de Libras

Para Todos Acessibilidade

Identidade Visual

Protarget

Victoria Cristina

Design Gráfico

Natália Barcelos

Victoria Cristina

Assistente de Redes Sociais

Giovana Menegazzo

Fotografia

Antônio Filippi

Filmagem

Fabício Cantanhede

Cenografia

Ricardo Zigomático

Site

Ariel Medeiros

Assessoria de Imprensa

Dona Flor Comunicação

Raphaela Donaduce Flores

Gestão de Tráfego

Sandra Silva

Comissão Editorial do e-book

Thainan Rocha

Thaini Menegazzo

Daiane Tavares

Design Editorial

Victoria Cristina

Gestão Financeira

Thainan Rocha

Apoio Institucional

Famecos/PUCRS, Tecnopuc, RS

Criativo e South Summit Brazil

Apoio de Comunicação

Protarget e Dona Flor Comunicação

Financiamento

Pró-Cultura RS

Realização

Ministério da Cultura – Governo do Brasil, do lado do povo brasileiro

ALICE URBIM • ALINE BUENO • ANTÔNIA WALLIG • APOIA.SE
AURORA CARNEIRO ZEN • BIANCA BUENO • DAIANE LIPPERT
TAVARES • DENISE PAGNUSSATT • ELISA BESCHORNER
HEIDRICH • MANUIR JOSÉ MENTGES • JORGE AUDY • JULIANA
SEHN • KAREN SICA • LEONARDO VITORINO • LÍGIA PETRUCCI
LUIS HENRIQUE TELLES DA ROSA • MARCIA BARBOSA
MARCIO PIZARRO NORONHA • MÔNICA FAGUNDES DANTAS
SÉRGIO MARIUCCI • RAUL KREBS • RITA SANTOS
RODRIGO KRÁS BORGES • ROSÂNGELA FLORCZAK • SILVIA
ABREU • TERESINHA CARVALHO DA SILVA • THAINAN ROCHA •
THAINI MENEGAZZO • TIAGO SOUZA • TRACY FREITAS

APOIO INSTITUCIONAL



PUCRS | ESCOLA DE COMUNICAÇÃO,
ARTES E DESIGN FAMECOS



APOIO DE
COMUNICAÇÃO



PRODUÇÃO



FINANCIAMENTO



REALIZAÇÃO

MINISTÉRIO DA
CULTURA

